

326



REG: 491

PÁG: 016

LIV: 004

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, P.1 / 157

TÍTULO DA PEÇA : "O NAVIO NEGREIRO"

	DISTRIBUIÇÃO
AUTOR : "CASTRO ALVES"	
PROCESSO:	
28301/72-SRA	
33652/72-SRA	
33652/72-SRA	
27675/74-SRA	
35397/74-SRA-Cópia	
39517/74-SRA	
35305/74-SRA	
42547/76-SRA-Cópia	
25134/77-SRA-Cópia	
12568/80-DCDP	

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p. 2

AO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SEÇÃO DE CENSURA
BRASILIA

A Federação Andréense de Teatro Amador em vista da realização da Fase Eliminatória de VI Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo, uma preceção do Governador do Estado, vem mui respeitosamente solicitar a Este Departamento a censura dos textos, cuja relação segue inclusa.

Em vista da necessidade da obediência das datas, regidas pelo Decreto Estadual nº 49.197 de 10/1/68, cujo regulamento segue anexo, solicitamos a maior brevidade no assunto.

A Fase Eliminatória terá início em 16 de agosto de 1968 e será encerrada em 31 de agosto de 1968, em São Caetano do Sul, no Estado de São Paulo.

Atenciosamente

Lúcia Vezzá - Presidente

Santo André, 25 de julho de 1968



Federação Andreense de Teatro Amador

Rua Corrêa Dias, 55 - Santo André - S. P.

Santo André, 25 de julho de 1968. (3) H

RELAÇÃO DE TEXTOS ENVIADOS À CENSURA FEDERAL, em
BRASILIA, que serão levados durante a Fase Eliminatória de VI Festival de Teatro Amador do Governador de Estado de São Paulo, a partir de 16 de Agosto de 1968, até 31 de agosto de 1968, em São Caetano de Sul, Estado de São Paulo.

- dia 16/8/68 - "A Mandrágora" - A Turma - Associação de Teatro Amador de São Caetano de Sul.
- dia 17/8/68 - "Peço frie" - A Turma - Associação de Teatro Amador de São Caetano de Sul.
- dia 18/8/68 - "Merre um gate na China" - Teatro Experimental Vidrebrás.
- dia 19/8/68 - "Operária em Construção", "Navio Negroire" e "Um dia na vida de Brásillia" - Jegrain de Grêmio 14 de março - Ginásio Estadual de Vila Guimar.
- dia 20/8/68 - "Os Fanteches" e "Auto de Pé" - Produções Artísticas Livre.
- dia 21/8/68 - "A bruxinha que era boa" - Regina Pacis - consagrada
- dia 22/8/68 - "Tempe de Feme" - Grupo Maria Salete - Ginásio Estadual Vila Barcelena.
- dia 23/8/68 - "Antígona" - Taprim - Teatro Amador 18 de Maio
- dia 24/8/68 - "Tribute a Abe" e "Primeiro Herói" - Teatro Universidade de Pevo.
- dia 25/8/68 - "O Santo Inquérite" - Grudiba
- dia 26/8/68 - "Manhãs de Sol" - Movimento Social e Católica de Camilópolis.
- dia 27/8/68 - "Adapta-te eu merre" - Grupo Teatral Scala
- dia 28/8/68 - "A inconveniência de ser espões" - Teatro Experimental Vidrebrás.
- dia 29/8/68 - "Oderice e ben-amado" - A Turma - Associação de Teatro Amador de São Caetano de Sul.
- dia 30/8/68 - "Pente de Partida" - Grupo Teatral Amador Pancelina.
- Dia 31/8/68 - ENCERRAMENTO

Lúcia Vezzú - Presidente

Castro Alves

Estamos em pleno mar

Doido no espaço brinca o luar
 Dourada borboleta
 E as vagas após ele correm
 Cansam... Como turba de infantes inquieta.

Estamos em pleno mar

Do firmamento, os astros saltam como espuma de ouro
 O mar, em troca, ascende as ardentias
 Constelações do líquido tesouro

Estamos em pleno mar

Dois infinitos ali se estreitam num abraço insano
 Azuis, dourados, placidos, sublimes
 Qual dos dois é o céu?
 Qual o oceano?

Estamos em pleno mar

Abrindo as velas, ao quente arfar das virações marinhas,
 Veleiro brigue corre a flor dos mares,
 Como roçam na vaga as andorinhas.
 Onde vem?
 Onde vai?
 Das naus errantes, quem sabe o rumo, se é tão grande o espaço?
 Galopam, voam, mas não deixam traço
 Neste Saara os corceis o pó levantam

Bem feliz quem ali pode nesta hora,
 Sentir deste painel a majestade.

Embaixo
 O mar
 Em cima
 O firmamento
 E no mar e no céu
 A imensidade

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
 Que musica suave ao longe soa
 Meu Deus como é sublime um canto ardente
 Pelas vagas sem fim boiando a toa.

Homens do mar ó rudes marinheiros,
 Tostados pelo sol dos quatro mundos
 Crianças que a procela acalentara
 No berço destes pelagos profundos
 Esperai... Esperai...
 Deixai que eu beba esta selvagem, livre poesia
 Orquestra é o mar que ruga pela proa
 É o vento que nas cordas assobia
 Por que foges assim barco ligeiro
 Por que foges do pavido poeta?
 Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
 Que semelha no mar doido cometa
 Albatroz! Albatroz! Águia do oceano!
 Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
 Sacode as penas, Leviatã do espaço.
 Albatroz! Albatroz! Da-me estas asas,

Pag. 491

5
H

Que importa do nauta o berço,
 Onde é filho, quel seu lar
 Ama a cadência do verso
 Que lhe ensina o velho mar
 Cantai, que a morte é divina
 Resvala o brigue a bolina
 Como ~~golfinho~~ golfinho veloz
 Presa ao mastro da mezena
 Saudosa bandeira acena
 as vagas que deixa após

Do espanhol as cantilenas
 Requebradas de langor,
 Lembram as moças morenas,
 As andaluzas em flor

Da Itália o filho indolente
 Canta Veneza dormente
 Terra de amor e traição
 Ou do golfo no regaço
 Relembra os versos de Tasso
 Junto as lavas do vulcão!

O inglês marinheiro frio
 que ao nascer no mar se achou
 porque a Inglaterra é um navio ~~em~~
 Que Deus na Mancha ancorou
 Rijo ento a Patrias Glórias
~~Rijaxante~~ Lembrando orgulhoso histórias
 De Nelson e de Aboukir

O francês predestinado
 Canta os louros do passado
 E os loureiros do porvir

Os marinheiros Helenos
 que a vaga iônia criou
 Belos piratas morenos
 Do mar que Ulisses cortou
 Homens que Fídias talhara
 Vão cantando em noites claras
 Versos que Homero gemeu ...
 Nautas em todas as plagas,
 Vós sabeis achar, nas vagas
 As melodias do céu...

Albatrozi!
 Desce do espaço imenso,
 O aguia do oceano!
 Desce mais...
 Ainda mais...
 Não pode o olhar humano como o teu
 Mergulhar no brigue voador!
 Mas, que vejo eu ad!...
 Que quadro de amarguras
 É canto funeral!...
 Que tetricas figuras!...
 Que cena infame e vill!...
 Meu Deus! Meu Deus!...
 Que horror!

A cena do navio...
 Era um sonho dantesco.
 O tombadilho, que das luzernas avermelha o brilho
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros
 Estalar de açoites
 Legiões de homens negros como a noite
 Horrendos a dançar
 Negras mulheres, suspendendo as tetas
 Magras crianças cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães.
 Outras moças, mas nua e espantada
 No turbilhão de espectros arrastadas
 Em ansias e magues vãs.
 Exxixs

E ri-se a orquestra irônica, estridente
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doidas espirais
 Se o velho arqueja
 Se no chão resvala
 Ouvem-se gritos
 O chicote estala
 E voam mais e mais

Preso nos elos de uma só cadeia
 A multidão faminta cambaleia
 E chora e dança ali
 Um, de raiva delira
 outro enlouquece
 Outrom que de martírios embrutece
 Cantando, geme e ri
 No entanto, o capitão manda a manobra
 E após fitando o céu que se desdobra
 Tão puro sobre o mar
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros
 Vibrei riço o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!...
 E ri-se a orquestra irônica, estridente
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doidas espirais

Qual um sonho dantesco as sombras voam
 Gritos,
 Ais, maldições.
 Preces ressoam...
 E ri-se Satana!...

Deus, Deus!
 Senhor Deus dos desgraçados
 Dizei-me vós, Senhor Deus,
 Se é loucura, se é verdade
 Tanto horror perante os céus.
 O mar, por que não apagas
 Com a esponja de tuas vagas
 Do teu manto este borrao?
 Astros,
 Noite,
 Tempestades!
 Rolai das imensidades
 Verrei os mares, tufão!
 Quem são esses desgraçados
 Que não encontram em vós
 Mes que o rir calmo da turba
 Que excita a furia do algoz
 Quem são?
 Se a estrela se cala,
 Se a vaga opressa resvala

Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-tu, severa Musa,
Musa libérrima audaz

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nús
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão
Ontem, simples, fortes, bravos,
Hoje míseros escravos
Sem luz, sem lar, sem razão
São mulheres desgraçadas
Como Agas o foi também
Que sedentas, alquebradas
De longe- bem longe - vem
Trazendo, com tibios passos
Filhos e algemas nos braços
Na alma - lágrimas e fel
Como Agar sofrendo tanto
Que nem o leite de pranto
Tem que dar a Ismael

Lá nas areias infindas
Das palmeiras no país
Nasceram - crianças lindas
Viveram - moças gentis
Passa um dia a caravana
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos veus
Adeus, o choça do monte
Adeus, palmeira da fonte
Adeus, amores... Adeus!
Depois, o areal externo
Depois, o oceano de pó
Depois, no horizonte imenso
Desertos...desertos só
E a fome, o cansaço, a sede
Aí quando infeliz que cede,
E cai pra não mais se erguer

Vaga um lugar na cadeia
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer
Ontem a Serra Leoa
A guerra, a caça ao leão
O sono dormindo a toa
Sob as tendas da amplidão
Hoje...o porão negro, fundo
Infecto apertado imundo
Tendo a peste por jaguar
E o sono sempre cortado
pelo arranco de um finado
E o baque de um corpo ao mar
Ontem, plena liberdade,
A vontade por poder
Hoje, por pura maldade
Nem são livres pra morrer

Prende-os, a mesma corrente.
Férrea, lúgubre serpente
Nas roscas da escravidão

E assim, zombando da morte,
Dança a lúgubre corte
Ao som do açoite
Irrisado!
Senhor Deus dos desgraçados
Dizei-me vós, Senhor Deus
Se eu deliro ... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus
Ó mar, por que não apagas
Com a esponja de tuas vagas
Do teu mato este borrao
Astros,
Noite,
Tempestades!
Rolai das imensidades,
Varrei os mares, tufão!

Existe um povo que a bandeira empresta
Pra cobrir tanta infâmia e covardia
E deixa-a transformar-se numa festa
Em manto impuro de bacante fria

Meu Deus, mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio, Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto

Auriverde pendão de minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança
Estandarte que a luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança
~~Teu~~
Tu, que da liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvesse roto na batalha
Que servires a um povo de mortalha

Fatalidade atroz que a mente esmaga
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas
Como um íris no pélaço profundo

Mas é infâmia demais! Da éterea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo
Andrada! Arranca este pendão ~~XXXXX~~ dos ares
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

.....



POLÍCIA DO DISTRICTO FEDERAL
D S G - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p. 9

-URGENTE-

ILMA SRA LÚCIA VEZZA
PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ANDREENSE DE TEATRO AMADOR
RUA CORRÊA DIAS 55 - SANTO ANDRÉ - SÃO PAULO

329 29 7 68

REFERÊNCIA SUA CARTA DATADA 25/07/68 VQ
SOLICITAMOS VOSSA SENHORIA ENCAMINHAR COM MÁXIMA URGÊNCIA
SEDE SODP BRASÍLIA AUTORIZAÇÕES SBAT REFERENTES PEÇAS ALI
MENCIONADAS VQ SEM O QUEM NÃO PODEMOS LIBERÁ-LAS PT SDS
ALOYSIO MULLERTHALER DE SOUZA - CHEFE SODP

DEP. ...
SERV. ...
ST. ...
Execução ...
Exatidão ...
Handwritten signature and initials

Handwritten initials



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p. 1

Direitos de Representação

Autorização Nº 17074

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, aut nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado c artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, a do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3 Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42 do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a repre ção da peça teatral: *"Navio Negro"*

Original de *Castro Alves.*

Música de _____

Tradução de _____
No Teatro *Auditorio Municipal de Caxias* Cidade _____

Empresa *FEANTA* Pela Cia. _____

nos dias *= PARA CENSURA DE PEÇA*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na ba _____ % da renda bruta de cada espetáculo, media

garantia mínima de Cr\$ _____ por espetáculo, obrigando-se a prês a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente tenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem com pelo integral mento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Paulo de *Agost* de 195
Luiz
(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao progra respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 1957

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p. 11

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo os que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: NAVIO NEGREIRO

Nome do Autor: CASTRO ALVES

Nome do Tradutor:

Gênero: POEMA DRAMATIZADO

Entrecho:

TRATA-SE DE UM POEMA DE CASTRO ALVES ADAPTADO PARA O
TEATRO . O TEXTO EXALTA A LIBERDADE .

Apreciação moral NADA IMPEDE SUA LIBERAÇÃO ~~EM~~ SEM RESTRIÇÕES.

Observações:

Classificação final: LIVRE

Brasília-DF. em 16 de Agosto de 68

Censor Federal - matrícula n.

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor TOZ Augusto, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: Navio Negro

AUTOR: Castro Alves

RESTRIÇÃO SUGERIDA: Divulgar - nenhuma restrição etária.

OBS. _____

Em 21/8/68

Augusto
Chefe da TCTC

VISTO: _____

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em _____

Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acordo com voto do Censor

Em _____

CHEFE DO SCDF



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p. 19
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

(12)

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 491/68

PEÇA - / O NAVIO NEGREIRO / -

ORIGINAL DE CASTRO ALVES

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 22 de AGOSTO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 22 de AGOSTO de 19 68

LIVRE

Aloysio Muhlethaler de Souza
Chefe do S. C. D. P. **ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA**

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p.15

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 15, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - / O NAVIO NEGREIRO / -

Original de CASTRO ALVES

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de FEDERAÇÃO ANDREENSE DE TEATRO AMADOR

Tendo sido censurada em 16 de AGOSTO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: L I V R E .

ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 22 de AGOSTO de 19 68

Jose Sampaio Braga
- JOSE SAMPAIO BRAGA -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

MJ-DPF-SRA/BSB

21 JUN 09 02 BSB 028301

RECEBIDO POR *Antoni*



*3
M*

ILMO. SR. CHEFE DA CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL.
BRASÍLIA.

EU BENEDITO IRIVALDO DE SOUZA, RESIDENTE A RUA ANTONIO RODRIGUES DE CARVALHO N:190 NA CIDADE DE CAMPINAS NO ESTADO DE SÃO PAULO - SENDO ~~SOLTEIRO~~, VENHO MUI RESPEITOSAMENTE REQUERER A V.S.a. QUE SE DIGNE MANDAR CENSURAR A PEÇA O NAVIO NEGREIRO DE AUTORIA DE CASTRO ALVES E ADAPTAÇÃO DE BENEDITO IRIVALDO DE SOUZA, QUE SERÁ REPRESENTADA A PARTIR DODIA 30 DE JULHO DE 1972 NA CIDADE DE CAMPINAS NO ESTADO DE SÃO PAULO PELA EMPRESA "VADO APRESENTA".

JUNTO SEGUE TRES CÓPIAS DO TEXTO.
AUTORIZAÇÃO DA SBT N:35693

NESTES TERMOS
P.DEFERIMENTO

SÃO PAULO, 19 DE JUNHO DE 1972

Benedito Souza



"DIÁRIO" - Distribuidora Aéro-RIO Ltda.

MATRIZ - Rua da Quitanda, 199 - Rio de Janeiro - Gb.

Tels. 243-8468, 223-0877, 223-6003 e 232-6026

Inscrição F.R.R.I. 356.678.00

C. G. C. 33.864.497

CONHECIMENTO

Nº 3905

De: SÃO PAULO, S.P.

Para: BRASÍLIA, DF.

Data 19 / 06 /

Remet. BENEDITO TRIVALDES DE SOUZA-

End. RUA ANT. RODRIGUES DE CARVALHO

Cidade CAMPINAS S.P. Tel. 190

Local de Cobrança

Dest. DEP. DE CENSURA FEDERAL-

End. Q. B.N.D.S. - 4º andar

Cidade BRASÍLIA - Tel.

Nota Fiscal N.º

Quantidade	Espécie	Pêso	Natureza da Mercadoria Diz - Confer	Valor Segurado
01	PCP;	0,400	IMPRESSOS - O NAVIO NORDEIRO-	Cr\$ 8,7,00

CÁLCULO

Frete Cr\$ 7,00

Taxa Domicilio « 1,00

Taxa de Seguro »

TOTAL Cr\$ 10,00

PETRI

Funcionário Emissor

Remetente

OBS.

O REMETENTE DECLARA ESTAR DE PLENO ACÓRDO COM TODAS AS CONDIÇÕES CONSTANTES NO VERSO DÊSTE CONHECIMENTO

NÃO SE TRATA DE CORRESPONDÊNCIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p.17

4.ª Via Destinatário



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.



AUTORIZAÇÃO PARA

REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70

Nº 35693

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral:

O Navio Negro

Original de *Castro Alves*

Música de *Benedito Brivaldo de Souza*

Tradução de *Dribesos*

No Teatro *Dribesos* Cidade *Campinas - S.P.*

Empresa *Vado Apresenta* Pela Cia. *Vado Apresenta*

nos dias *Para a censura da Peça*

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de *.....*%

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Paulo 19 de *Junho* de 19 *72*

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[Signature]
(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, a qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

O NAVIO NEGREIRO

Original de Castro Alves.

Adaptação de Benedito Irivaldo de Souza

Dois atôres entram pelo centro do palco de mãos dadas, ela se dirige para o lado esquerdo e êle para o lado direito. CAMPAINHA.

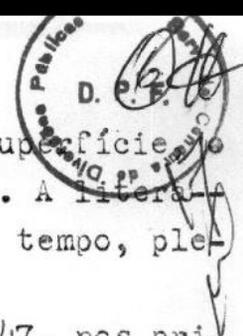
(sôbre luz negra) - Música: "I cant stop loving you"

ELA: É uma espera longa pois espero por você, desde que a primeira estrêla foi criada. É eu espero porque preciso desesperadamente de: você. Foi uma espera em que a cada minuto eu aprendia uma nova lição de dor, e de tristeza. Você também, mas eu sorria ainda era você que eu esperava. Até tentei emprestar-lhes alguns rostos conhecidos, mas foi um esforço perdido nada desde que o primeiro astro foi criado. Era certeza de que você existia e que me dava o encanto da perspectiva, de um dia compreender, e ser compreendida, amar e ser amada, ser alguém e ter alguém. Na verdade eu já lhes esperava desde o início. Sonhava com encanto do encontro e temia o pesadelo. Agora você chegou, foi derrepente, mas nos notamos quanto mais nos falamos mais sinto necessidade de você, e o que nos ficou de tudo que não fomos quando não nos encontramos nada. Foi este o motivo que transformou em utopia a sombra do temos. Nunca senti tanta necessidade de palavras tão inexistentes. Te amo desesperadamente. E como tentar aprisionar o infinito. Agora você chegou e nossos olhos se encontram e se fixaram maravilhados pelo reconhecimento, olhos que choraram. Agora. Agora você aqui está, para dar um porque a minha vida que já foi tão vazia. Agora nada mais eu pedirei ao mundo porque eu encontrei o que mais queria. Encontrei você meu amor. (Terminando a música)

ÊLE: E neste prelúdio maravilhoso, todo revestido com seu traje dourado, é consignado a mim a alegria o prazer, a satisfação de participar-lhes da grandeza e imensidão do poema "O Navio Negreiro" escrito pelas mãos benéficas de Antonio de Castro Alves.

Antonio de Castro Alves, êste grande literato, que marcou com letras bem doiradas, seu nome dentro da nossa história, êle insofreável infinito das ultradimensões. No advento de sua maturidade psíquica, para viver na lógica das conceituações e acompanhar a sublimação de todos os valôres, no fechamento do ciclo milenar, não mais se -





restringiu às miragens, ao irreal, a série de efeitos da superfície com os quais a forma prodigamente ilude nas exterioridades. A literatura como denota nesta obra, embebedou-se no transcurso do tempo, plenamente, na extraordinária visão dos elementos universais.

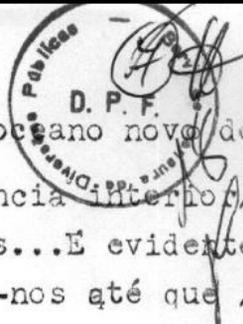
Este grande brasileiro que nasceu na Bahia em 1847, nos primórdios de sua infância já demonstrava o espírito livre e devotado pelas causas sublimes, razão pela qual em 1864 veio para Pernambuco onde ingressou na Faculdade de Direito em Recife, transferindo-se para São/Paulo posteriormente. Todavia não pode concluir o curso por motivos de doença.

Teve grande influência sobre a formação da mocidade acadêmica de seu tempo, fazendo sempre prevalecer a nota livre e generosa em todas as questões. Foi também um dos mais ardorosos abolicionistas tendo como ideal o HOMEM(gênio), símbolo das lutas pela justiça e pela liberdade. Um dos traços característicos de Antonio de Castro Alves é o seu amor pelos oprimidos, sempre com justiça, admitia que a desarmonia da alma romântica não é produzida por conflitos do espírito, mas sim por conflitos entre o homem e a sociedade, então "O oprimido e o opressor".

O Poeta Antonio de Castro Alves, publicou várias obras: "Espumas Flutuantes, Cachoeira de Paulo Afonso e o Drama Gonzaga ou Revolução de Minas", porém com a obra "O Navio Negreiro" alcança um belo sublime, bem distante das costumeiras formalidades românticas. Enquanto outros poetas, como Gonçalves Dias (também um grande literato de nossa literatura), tomam o indígena como herói, tomou Castro Alves o negro, nada estético, tido como de casta inferior na sociedade, sem nenhum valor mítico, mas que contribuiu com suas mãos para que hoje possamos contemplar este Brasil fulguroso. O índio foi um herói mais fácil de ser forjado, pois existia apenas como mito, não participava da sociedade e tinha valor heróico, por causa de sua tradição guerreira.

Assim, o negro em Castro Alves, é quase sempre um mulato com feições e sensibilidade de um branco. É nesta alma que o amor é tratado como um encantamento da alma e não mais como uma esquiva ansiosa dos primeiros romances, e percebido que qualquer atitude e idealização do ser humano é maior e bem mais sublime que qualquer evento da própria natureza, porque os atos naturais são superiores aos atos sobre-naturais.

Senhores, falando-se das coisas lindas do nosso mundo às vezes esqueço-me de dizer-lhes uma coisa importante... bem... é realmente importante..., o nosso ator, atravessa um período maravilhoso em sua vida... é... lindo período mesmo... ele está amando, existe uma linda jovem em sua vida. Às vezes ele deixa transparecer isto facilmente. Talvez os senhores perceberão nesta apresentação... bem mas se perceberem já estão sabendo O.K;



Bem, quando se trata de amor, percebe-se que um oceano novo de deduções, de lógica, e de teses afluem-se à tona da consciência interior justificando tôdas as veracidades das exposições anteriores... É evidente que a luz que se difunde com a revelação do amor, confunde-nos até que se apaga em nosso íntimo onde se principiara a brilhar.

Este ator, somente num silêncio bellissimo como o deta noite, ou ainda se debruçado sobre as águas límpidas de um regato, é que consegue encontrar amenização para esta sua dor, para este seu sentimento de amor inalcançável que gradativamente aumenta, tal como pode interpretar suas lágrimas que deslizam por sua face.

Com muita alegria e entusiasmo, e para que num abraço ainda // mais apertado possamos nos unir convidado a se apresentar o ATOR.

(A cortina abre; Música "O homem de braço de ouro" alta)

O ator dança até o término da música, agradece ao público presente e ...

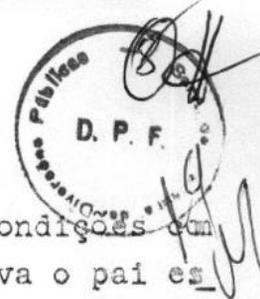
ATOR--Eu sei meus amigos não se preocupem agora nós vamos começar o espetáculo. (musica A time for us) o ator faz coreografia de um jovem apaixonado até o termino da música e

ATOR-- Miuly, eu a amo esta é a realidade, eu ainda a amo, Deus até quando vou amar desesperadamente esta mulher até quando senhor, Miuly se ao menos eu tivesse acerteza de que voce também gosta de mim seria bem diferente, Miuly que adianta ficar sózinho nesta sala que adianta afastar-me dos meus amigos, não te ver mais, não ir a piscina, que adianta ficar estudando se a matéria não entra na cabeça, que adianta esta solidão, esta solidão que maltrata....

As vezes a solidão machuca a gente pensa como gente e vê que certo é libertar-se, liberdade que um povo tinha e lhe foi roubada para serem transformados na mão de obra de outros países. E o tempo passou até que este povo cansados das correntes e os impostos tornando-se elevados até mesmo para o considerado patrão,, aconteceu a rebelião hou veram muitas lutas, mortes, tragédias, mas venceu a verdade e este povo conse guiou a liberdade.

Podiam cantar, sorrir, gritar, amar, brincar eram livres, livres porém fracos pois durante um longo tempo foram mal alimentados. Sua primeira preocupação foi a fartura, fartura de alimentos eis que a voz de um líder sobresaiu-- vamos tirar do solo e do trabalho o nosso comer--

Sobre sol e chuva dia e noite semanas, meses e anos sem cessar era este povo a trabalhar só por um ideal bem se alimentar. E o tempo passou os homens voltaram a ser fortes as mulheres traziam as mesas feitas cuscus, pudins, carnes eram o comer, mas este povo compreendeu que na vida era necessário saber mais, conhecer e para isto seria necessário ler e escrever.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530,p-23

ATOR--Foram as escolas, só queriam aprender, mesmo sem condições, usavam o lapis e como papel servia a mão, o aluno ensinava o pai e o pai ensinava a mãe e esta o irmão. E pouco a pouco todos foram adquirindo cultura, aprenderam a somar, dividir, subtrair e multiplicar e na escola cada vez mais notaram que no esporte estavam os seus fortes. Então pelo esporte e dentro do esporte a maior atenção sempre com dedicação, dando cada vez mais, sempre mais pelo esporte(O ator dança gesticulando o esporte:música"El silêncio")

Depois a integração no início um pouco difícil, mas hoje é comum ver as raças de mãos dadas e a juventude açeita como se todos iguais é lindo...é lindo...

Mamãe, saiu estou sózinho nesta sala, sem vontade de fazer nada, também vou fazer o que, neste estado de espirito, com esta chuva, nossa como chove... Miuly, como gostaria de estar com voce..... Miuly voce não é mais aquela garotinha de tenis branco e saia xadrez que quando a gente subia no onibus eu tremia sabendo que seus cabelos dourados iriam roçar na minha face quando estivesse na curva, Miuly.. voce mudou, voce cresceu, hoje és linda, muito linda, Miuly...Quando a gente saia da escola, naquele tempo eu já tinha o meu carro, então juntos nós íamos até a lanchonete, Miuly como é bom recordar, Miuly recordar, recordar.....

O problema é que as vezes as recordações traz-nos tristezas e nos deixam cabisbaixos. Eu por exemplo afastado de voce sozinho relembrando os meus antepassados, antepassados...Para eles seria impossível ter estas lembranças uma garota linda, loura, olhos verdes(o ator ri) sim seria impossível, vovô por exemplo se lembraria de outras coisas lembraria de uma terra longiqua, sol, cantos candoblés, lembraria de um navio, gritos, ais, maldições, preces, mar sim vovô se lembraria do navio negreiro.

Navio negreiro eram as embarcações marítimas na qual eram trazidos os homens as mulheres e as crianças para serem transformados na mão de obra deste país. Eram colocados todos no porão, ali passavam semanas, meses e às vezes até anos. A imundície era total. Até que num certo dia o homem compreendeu que o homem é homem que nada importa neste mundo quanto o sentimento humano, e que seria necessário se respeitar uns aos outros. O tempo passava e o tráfego continuava foi então que nasceu Antonio Frederico de Castro Alves que viria a ser o maior poeta de uma nação... Sim porque escreveu com tanta doçura e amargura A Tragédia no Mar, mais conhecido hoje como "O Navio Negreiro". Castro Alves, você foi, você ~~xxxix~~, é, você será o grande poeta. Castro Alves / nos teus versos de esmero eu encontro a razão e o porque da tempestade e do sol

-6-
De CASTRO ALVES

NAVIO NEGREIRO



Stamos em pleno mar... Doudo no espaço

Brinca o luar - dourada borboleta -
E as vagas após êle correm cansam
Como turba de infantes inquieta.

Stamos em pleno mar ... Do firmamento
Os astros saltam como espuma de ouro
O mar em troca acende as ardentias
- Constelações do Aquido tesouro

Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano
Azuis, dourados, plácios, sublimes
Qual dos dois é o céu, qual o oceano

Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Do quente arfar das virações marinhas
Veleiro brigue corre a flor dos mares
Como roçam na vaga as andorinhas

Donde vem?... Onde vai?... Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço
Neste Saara os corcéis o pó levantam
Galopam, voam, mas não deixam traço

Bem feliz quem ali pode nesta hora
Sentir deste painel a majestade
Embaixo & mar... em cima o firmamento
E no mar e no ceu a imensidade

Oh, que doce harmonia traz-me a brisa
Que música suave ao longe soa
Meu Deus! Como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando a toa

-7-
6

7 Homens do mar, ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos
Crianças que a procela soalentara
No bêrço destes pélagos profundos

Esperai! Esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, leve poesia...
Orquestra - é o mar que ruge pela proa
É o vento que nas cordas assobia...

Para que foges assim barco ligeiro?
Porque foges do pávido poeta
Oh! Quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar - doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano
Tu que dormes das nuvens entre as gazas
Sacode as penas, Leviatã do espaço!
Albatróz! Albatróz! dá-me estas asas.

Que importa do nauta o bêrço
Donde o filho, qual seu lar?...
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a noite é divina!
Resvala o brigue a bolina
Como um golfinho veloz
Prêsa no mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
Às vagas que deixa após

Do espanhol as cantilenas
Requebradas de langor
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente
- Terra de maor e traição
Ou do gôlfo no regaço
Relembra os versos do Tasso
Junto as lavas do Bulcão



-8-

O ingles - marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou -
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na mancha ancomou)
Riso entoa pátrias glórias,
Lembrando orgulhosas histórias
De Nelson e de Aboukir
O francês predestinado
Canta os loubos do passado
E os loureiros do porvir

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga iônia criou
Belos pãratas morenos
Do mar que Ulisses cortou
Homens que Fídias talhara
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
Nautas de tôdas as plagas
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu

Desce do espaço imenso, ó aguia do oceano
Desce mais, inda mais... não pode o olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador
Mas que vejo eu ali... que quadro de a, arguras
Que cena funeral... Que tétricas figuras
Que cena infame e vil!... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

Era um sonho dantesco o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho
Em sangue a se banhar
Tinir de ferros... estalar de açoite
Legiões de homens negros como a noite
Horrendos a dançar



Handwritten signature or initials in the top right corner.

- 9 -

Negras mulheres suspendendo as tetas
Magras crianças, cujas bôcas prêtas
Rega o sangue das mães
Outras moças... mas nuas, espantadas
No turbilhão de espectros abastadas
Em ânsia e magoa vã

E ri-se a orquestra, ironica, estridente
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais
Se o velho arqueja... se no chão resvala
Ouvem-se gritos... o chicote estala
E voam mais e mais

Prêsa nos elos de uma só cadeia
A multidão faminta cambaleia
E chora e dança aii!

Um de raiva delira, outro enlouquede
Outro que de martírios embrutece
Cantando geme e ri...

No entanto o capitão manda a manobra
E após fitando o céu que se desdobra
Tão puro sôbre o mar
Diz do plume entre os densos nevoeiros
"Vibrai o chicote marinheiros,
Fazei-os dançar".

E ri-se a orquestra irônica, estridente
E da ronda fantástica serpente
Faz doudas espirais

Qual num sonho dantesco as sombras voam
Gristos, ais, maldições, preces ressoam
E ri-se Satanás.



88



Senhor Deus dos desgraçados
 Dizei-me vós, Senhor Deus!
 Se é loucura... se é verdade
 Tanto horror perante os céus...
 Ó mar! porque não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 De teu manto este borrão
 Astros, noites, tempestades
 Rolai das imensidades
 Varrei os mares, tufão!...

Quem são estes desgraçados
 Que não encontram em vós
 Mais que o rir calmo da turba
 Que excita a fúria do algoz?
 Quem são? Se a estrêla cala
 Se a gaga à pressa resvala
 Como um cúmplice fugaz
 Perante a noite confusa
 Musa libérrima audaz

São os filhos do deserto .
 Onde a terra esposa a luz
 Onde voa em campo aberto
 A tribo dos homens nus
 São os guerreiros ousados
 Com com os tigres mosqueteados
 Combatem na solidão
 Homens simples, fortes, bravos
 Hoje míseros escravos
 Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas
 Como Agar o foi também
 Que sedentas, alquebradas
 De longe bem longe vem...
 Trazendo com túbios passos
 Filhos e algemas nos braços
 Nalmas - lágrimas e fel
 Como Agar sofrendo tanto
 Que nem o leite do pranto
 Tem que dar para Ismael

Lá nas areisas infindas
Das palmeiras no país
Nasceram - crianças lindas
Viveram - moças gentis
Passa um dia a caravana
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
Adeus! ó choça do monte
Adeus! palmeiras da fonte
Adeus! amores... -deus

Depois o areal exrtenso...
Depois o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertps só ...
E a fome, o cansaço e a sêde
Ai! quanto infeliz que cede
E cai pra mais s'erguer
E vaga um lugar na cadeia
Maso o chacal sôbre a areia
Acha um corpo que roer

Ontem a Serra Leoa
A guerra, a caça ao leão
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão
Hoje... o porão negro, fundo
Infecto, apertado, imundo
Tendo a peste por jaguar
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado
E o baque de um corpo ao mar

Ontem plena liberdade
A vontade do poder
Hoje... cum'lo de maldade
Nem são livres p'ra morrer



Prendê-os a mesma corrente
- Ferrea, lúgubre serpente
Nas roscas da escravidão
E assim roubados à morte
Dança a lugubre coorte
Ao som do açoite ... Irrisão!

Senhor Deus dos Desgraçados
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus
O mar, porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! Noite! Tempestades
Rolai das imensidades!
Varrei os mares tufão!

E existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e covardia...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus; meu Deus! mas que bandeira é esta
Que imprudente na gávea tripudia?!...
Silêncio! Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto

Auriverde pendão da minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas de esperança.
Tu, que da liberdade após a guerra,
Fôste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem rôto na batalha
Que servires a um povo de mortalha.



Handwritten signature or initials.



Handwritten signature or initials.

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
 Extingue nesta hora o brigue imundo
 O trilho que Colombo abriu na vaga,
 Como um íris no pélago profundo
 Mas é infâmia demais... Da etérea plaga
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo
 Andrada! Arranca êste pendão dos ares!
 Colombo! fecha a porta dos teus mares!

(apagam-se as luzes do palco, com a platéia também apagada. Som de encerramento de espetáculo. A cortina fecha-se enquanto o ator faz movimentos de agradecimentos. Acende-se novamente as luzes do palco. Música de abertura do espetáculo. Abre-se a cortina. O ator / de ponta cabeça)

ATOR: Público presente vou falar das coisas boas, vou falar um pouquinho de mim, vou falar de vocês. Vou falar de Miuly, vou falar da juventude, sim, dos barbudos, grisalhos e cabeludos, todos sem escolher, até mesmo da criança que acaba de nascer, porque...

Juventude não é um período da vida, ela é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação, uma vitória da coragem sobre os tímidos e vitória do gosto da aventura sobre o amor ao conflito.

Não é por termos vivido um certo número de anos que envelhecemos. Envelhecemos porque abandonamos os nossos ideais. O passar dos anos/enruga a face, abandonar o ideal enruga a alma.

As dores, as dúvidas, as preocupações, os desesperos são inimigos que lentamente nos inclinam para a face da terra tornando-nos um pó miserável mesmo antes da morte.

JOVEM É Aquele que se estima, que se admira e maravilha. Jovem é aquele que faz teatro, jovem é aquele que ama a esposa, aquele que aplaude. Jovem é aquele que apaga com um sorriso a tristeza de seus olhos.

Jovem é aquele que estende a mão ao próximo, aquele que cede lugar quando compreende que o ouro é o mais forte. Jovem é aquele que na estrada arrisca um pouco de si só para avisar que o do outro volante está com a porta aberta. Jovem é aquele que expressa aquilo que sente. Jovem é aquele que na noite vê as estrêlas e procurando contá-las pede perdão de seus êrros.



Es tão jovem quanto a tua fé, tão velho quanto a tua descrença. Tão jovem quanto a confiança em ti e em tua esperança, tão velho quanto o teu desânimo.

Serás jovem enquanto permaneceres receptivo ao bom, ao belo e ao grande. Receptivo às mensagens da natureza, receptivo às mensagens dos homens; às mensagens do infinito; às mensagens do amor. Receptivo às mensagens de Deus.

Corte ~~Mas se um dia seu coração for atacado pelo pessimismo, corroído pelo cinismo, pelo esnobe, pelos preconceitos, pelo orgulho... Então que Deus tenha ~~xxxxxx~~ pena pois você é um velho~~ *Corte*

(entra a música A time for us baixa) O ator exita com a sua interpretação devido a música. Balbuciando o nome Miuly encaminha-se para o telefone. Disca e

ATOR: Miuly... sim sou eu...

Não... está tudo bom, tudo bom

Mamãe está boa

Estou sozinho em meu quarto... uma verdadeira bagunça e sei lá... não sei o que aconteceu

Durante alguns minutos, ou horas; fiquei ausente... totalmente absorto. Miuly, não sei como começar... A realidade é que parece uma doença. Sim é um frio que percorre todo o meu corpo... Como um dilema, um pesadelo que às vezes se torna sublime..!

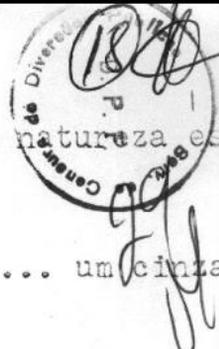
Miuly sofri e estou sofrendo só por não ter sido jovem suficiente para expressar o quanto eu gosto de você...

Miuly, está tudo muito confuso, sereno, existe uma melodia, uma vontade de estar com você, de te abraçar... de segurar as tuas mãos.

Miuly já faz muito tempo que eu te amo... e sei que continuarei a amá-la para sempre.

Não tem importância se você não gosta de mim o que interessa é que agora posso gritar seu nome.

Lembrar-me daquelas noites frias em que ficávamos no portão a conversar...



Miuly que o verde, o amarelo, o azul, que as cores da natureza estejam sempre com você...

Sei, meu mundo será um branco e preto embaçado assim.... um cinza escuro... mas sentirei saudades dos nossos momentos...

Tchau Miuly tudo de bom prá você... O que... Eu me lembro Sei, sei, Miuly ... certo... (a música começa a crescer, o ator vibrando) Sim, você me ama Miuly, eu acredito, sim eu acredito. Sei, sei, nós vamos nos encontrar naquele lugar. Eu entendi Miuly. Eu te amo também, eu te amo (o ator ri e desligando o telefone) Miuly me ama... Miuly me ama.....

(a cortina fecha-se, luz na platéia)

FIM

BR. de Censura de Dir. 1968
20
4

S. C. T. C.

TÍTULO: O NAVIO NEGREIRO

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Já liberada? SIM

Cls.etária anterior LIVRE

Praça SÃO PAULO - SP

D.F. 20/06/72 [assinatura]
p/ Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Téc. Censura [assinatura]

Téc. Censura _____

Téc. Censura _____

Data p/exame: de 26/6/72 a 29/6/72

OBS: Confronto do texto

D.F. 26/6/72 [assinatura]
Resp. P. Programação

3) S.C.T.C.

4) CHEFE S.C.

*Liberar na
forma de parecer
de 10 (dez) alíneas, para
20/6/72 texto novo
V. despacho de 1. de fls.
20. [assinatura]*

5) DIRETOR D.C.D.P.



M.J.-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



TÍTULO O NAVIO NEGREIRO

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Vide abaixo.

Análise:- Feito o confronto da peça com o seu original já analisado censurado e classificado de livre, chegamos a seguinte conclusão:-

- 1)-O texto apresentado para não confere com o original já liberado.
- 2)-No original há apenas o trabalho de Castro Alves, sem outro qualquer outro complemento.
- 3)-No texto apresentado há um prólogo e um epílogo cujo personagem usa o poema como subsídio de seus problemas amorosos com uma heroína Miuly.
- 4)-A adaptação a que se refere no requerimento, é apenas força de expressão, pois a nosso ver montou uma peça nova com um enredo próprio e que por coincidência usa a obra de Castro Alves, senão vejamos:
 - a) Mamãe saiu de casa
 - b) O herói está sozinho
 - c) Canta o poema de Castro Alves
 - d) Telefona à Miuly
 - e) Ela o ama...Ele a ama...Eles se amam...

Conclusão:- Não vemos condição de confronto dos textos. Analisados em separado, concluímos que o texto ora em estudo deve ser liberado para maiores de 10 anos como seguinte corte.

- a)-Na página 17 " Mas se um dia seu coração for atacado pelo pessimismo, corroído pelo cinismo, pelo esnobe, pelos preconceitos, pelo orgulho...Então que Deus tenha pena pois você é um velho".

Brasília, 26 de junho de 1972

Joel Ferraz-Tec. Cens. Cred.

As Sr. Chefe de SE,
faço as parecer au-
sando que o texto está

em desacôrdo.

Em 26.6.72


TCTE



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p. 37

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Handwritten initials and numbers:
Z
C
27
d

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 5142/72

PEÇA : " O NAVIO NEGREIRO "

ORIGINAL DE CASTRO ALVES

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 29 de JUNHO de 19 77

Brasília, 29 de JUNHO de 19 72

PROIBIDO
PARA MENORES DE
10 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

Handwritten signature of Rogério Nunes

- ROGÉRIO NUNES -

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p. 38

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 62, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada : **"O NAVIO NEGREIRO"**

COM CORTES

Original de CASTRO ALVES

Tradução de _____

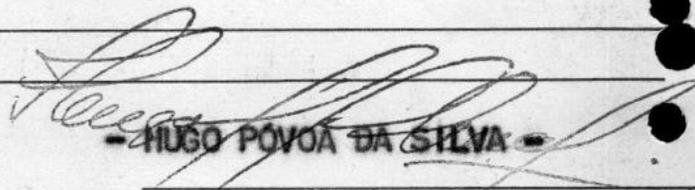
Adaptação de : BENEDITO RIVALDO DE SOUZA

Produção de EMPRESA VADO APRESENTA

Tendo sido censurada em 26 de JUNHO de 19 72 e recebido

a seguinte classificação: **PROIBIDO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS, COM CORTE NA PÁGINA 14. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO / SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO / PELO SCDP.**

Brasília, 29 de JUNHO de 19 72


- HUGO POVOÁ DA SILVA -
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

22
MEM.º N.º

Data

568/72

05/07/72

Do Chefe da TCTC da DCDP - DPF - DF.
Para Chefe da TCDP da SR - DPF - SP.
Assunto: Peça Teatral (Encaminha).

Senhor Chefe,

Solicito de V.Sa., as providências no sentido de que seja entregue ao interessado, a peça teatral intitulada, "O NAVIO NEGREIRO", com a impropriedade para menores de 10 (dez) anos, em/ 2 (duas) vias e seus respectivos certificados.

Atenciosamente,

Vicente de Paulo Rênoir Monteiro
VICENTE DE PAULO RÊNOIR MONTEIRO.

Chefe da TCTC da DCDP.

23
A



MI-DFP-SRA/BSB
24 JUL 1972 033652
BSB
RECEBIDO POR [assinatura]

DFP
fl. n.º
Rub. [assinatura]

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO

OFÍCIO nº 452/72-TCDP/SR/SP

Em 20 de julho de 1972.

Senhor Diretor Geral:

Com o presente, encaminho a V.Exª. para os devidos fins, "scripts" e certificados da peça teatral "O NAVIO NEGREIRO", de Castro Alves, remetidos para esta SR, com o memorando nº 568/72-TCTC/DCDP/DPF, de 5/7/72, a fim de serem entregues à parte interessada. Entretanto, no verso dos certificados está assinalado um corte na página 17 no "script" da referida peça e o "script" contém somente 15 páginas.

Carl Grobman
p/Bel. DANTE NARDELLI
Superintendente Regional

A Sel. Cons. [assinatura]
SM 240772
ROGERIO NUNES
[assinatura]

ATOTC
[assinatura]
27/7/72

Exmo. Sr.
Gen. NILO CANEPPA SILVA
DD. Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA/D.F.

DN/atf



24
 (6)

25
 M

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

MEMO. Nº 675/72.

Em 01 de agosto de 1972.

Do Chefe da TCTC/DCDP/DPF/DF.

Ao Chefe da TCDP/SR/SP.

Assunto Solicitação - (faz).

Senhor Chefe,

Encaminho a V.Sa., solicitando sejam entregues ao interessado, os "scripts" e os certificados da peça teatral "O NAVIO NEGREIRO", devolvidos a esta Divisão com o ofício nº 452/72-TCDP/SR/SP, de 20 de julho próximo passado, por constar no verso do certificado um corte na página 17 do "script", e o mesmo só conter 15 páginas.

Tal engano se deu devido à falta de numeração nos "scripts", ensejando ao Técnico de Censura que examinou o texto a sugerir o corte baseado na numeração do processo, que na maioria das vezes não coincide com a do "script."

Ao apresentar-lhe minhas escusas pelo acontecido, solicitaria o obséquio de mandar verificar os textos antes de encaminhá-los a Brasília, devolvendo ao interessado caso se constate irregularidades, tais como falta de numeração das páginas, documentação incompleta, etc..

Atenciosamente,

Carlos Ferreira de Oliveira
 CARLOS FERREIRA DE OLIVEIRA
 Chefe da TCTC em exercício

DI F
fl. n.º
Rub. *[Signature]*

MJ - DPF - SRA/BSB

24 JUL 1972 033652
BSB

RECEBIDO POR *[Signature]*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO

OFÍCIO nº 452/72-TCDP/SR/SP

Em 20 de julho de 1972.

Senhor Diretor Geral:

Com o presente, encaminho a V.Ex^{sa}. para os devidos fins, "scripts" e certificados da peça teatral "O NAVIO NEGREIRO", de Castro Alves, remetidos para esta SR, com o memorando nº 568/72-TCTC/DCDP/DPF, de 5/7/72, a fim de serem entregues à parte interessada. Entretanto, no verso dos certificados está assinalado um corte na página 17 no "script" da referida peça e o "script" contém somente 15 páginas.

Carl Grobman
p/Bel. DANTE NARDELLI
Superintendente Regional

*A Sr. Conselheiro
SR 2407*
[Signature]
ROGERIO NUNES
Delegado de DCDP

*ATOTC
p/verificação
27/7/72*
[Signature]

Exmo. Sr.
Gen. NILO CANEPPA SILVA
DD. Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA/D.F.

Sr. Chefe da S.C.:

Nesta data, providenciamos a remessa dos "scripts" e certificados da peça "O Navio Negroiro", com o Memº 675/72, cuja cópia segue em anexo.

Em 01/08/72

Cláudio
PTE

É o processo?
[Signature]

Do Sr. Dir. DCDT
de Cambridge
2/8/72 *[Signature]*
etc

[Signature]

37
M

MEM^a. Nº 675/72.

01 de agosto de 1972.

Chefe da TCTC/DCDP/DPF/DF.

Chefe da TCDP/SR/SP.

Solicitação - (faz).

Senhor Chefe,

Encaminho a V.Sa., solicitando sejam / entregues ao interessado, os "scripts" e os certificados da // peça teatral "O NAVIO NEGREIRO", devolvidos a esta Divisão com / o ofício nº 452/72-TCDP/SR/SP, de 20 de julho próximo passado, / por constar no verso do certificado um corte na página 17 do // "script", e o mesmo só conter 15 páginas.

Tal engano se deu devido à falta de // numeração nos "scripts", ensejando ao Técnico de Censura que // examinou o texto a sugerir o corte baseado na numeração do pro- cesso, que na maioria das vezes não coincide com a do "script."

Ao apresentar-lhe minhas escusas pelo acontecido, solicitaria o obséquio de mandar verificar os tex- / tos antes de encaminhá-los a Brasília, devolvendo ao interessa- do caso se constate irregularidades, tais como falta de numera- ção das páginas, documentação incompleta, etc..

Atenciosamente,

Carlos Pereira de Oliveira
CARLOS PEREIRA DE OLIVEIRA
Chefe da TCTC em exercício

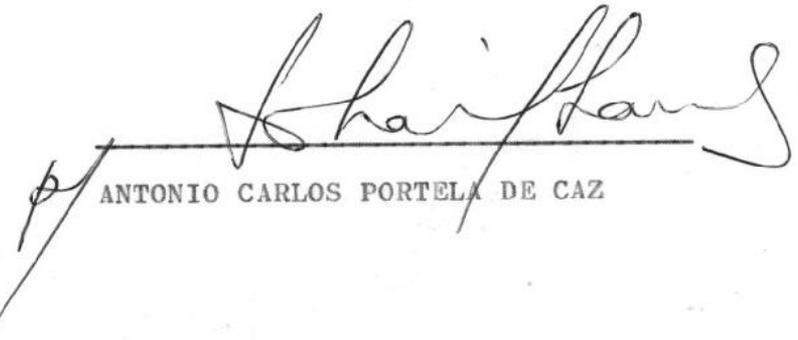
ILUSTRÍSSIMO SENHOR CHEFE DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL (CENSURA)

ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ, solteiro, brasileiro, residente em Niterói, vem solicitar a V.S. se digne examinar e liberar o texto da peça " UM NAVIO NEGREIRO", baseado no poema de Castro Alves, numa adaptação de minha responsabilidade, para que possa ser apresentada a partir do dia 27 de maio até o dia 3 de maio do corrente, no Teatro Municipal de Niterói.

N. Termos

P. Deferimento

Niterói, 06 de maio de 1974


ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

[Handwritten initials and signatures]

Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1974

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:

UM NAVIO NEGREIRO

DE: Castro Alves adapt. de Ademar Nunes-Carlos de Gaz- Mauro
próxima ^{Dias.} apresentação da Grupo OS PROVINCIANOS

no Teatro MUNICIPAL DE NITEROI

com estréia marcada para o dia 27 de Maio de 1974

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,

[Handwritten signature]
por **Djalma Bittencourt**
Superintendente





MJ-DPF-SRA/BSB

10 MAI 09 42 ≈ 027675

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL RECEBER Antares

07
[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

OFÍCIO Nº 023/74- SCDP/DPF/RJ

Em 07 de maio de 1974

Do DIRETOR DA DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Ao DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF/BSB

Assunto : ENCAMINHAMENTO (FAZ)

Senhor Diretor:

Sirvo-me do presente, para encaminhar a V.S., tres (3) vias do " script " , da peça teatral intitulada " UM NAVI O NEGREIRO ", baseado no poema de Castro Alves, numa adaptação de ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ, para fins de censura prévia.

A presente peça segue acompanhada da devida / autorização da S.B.A.T.

Na oportunidade, reitero a V.S., meus protes tos de estima e distinta consideração.

[Handwritten signature: Darcy Pereira Braga]
DARCY PEREIRA BRAGA - Bel
Diretor da DPF/RJ

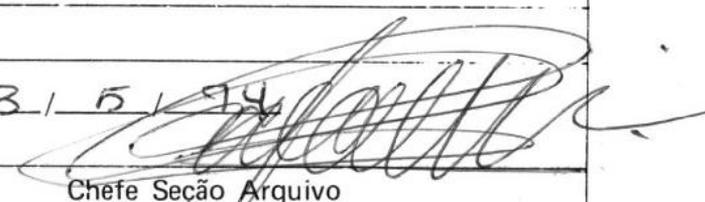
TEATRO

TÍTULO UM NAVID NEGREIRO.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordemClas. Anterior NO CCPraça NITERÓI - RJ

Obs.: _____

DF. 13/5/74

 Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Evita-se os en-
 tificados na forma
 do parecer 15472/74,
 condicionados, toda
 via, ao nome do en-
 sair final, e sem
 a chancela de "Bolsa Edu-
 cativo", que entende
 mais adequada as pro-
 moções de nível universitário.



5) Diretor da D. C. D. P.

libere-se com
 censura LIVRE
 mas sem a chancela
 de Educativo.

Em: 29/5/74.

Wilson Garcia

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
 Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DE AZEVEDO NETTO
 Chefe da SCTC-S / DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARECER Nº 15472/74

TÍTULO: "UM NAVIO NEGREIRO"

ESPÉCIE: Peça teatral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

CENAS CONDICIONADAS AO ENSAIO GERAL

A matéria examinada constitui-se do conhecido poema de Castro Alves "O NAVIO NEGREIRO", enxertado com versos de outras - criações do mesmo autor, não sendo passível de transmitir impressões nocivas ao público infantil, contribuindo por outro lado para divulgação da valiosa obra de nossa literatura, pelo que sugiro liberação - c/chancelas de "LIVRE" e "VALOR EDUCATIVO".

Cabe-me explicar que o texto em epígrafe não se trata do contido no processo anexado a este, pois as adaptações são de - autores diferentes e os títulos embora idênticos são precedidos respectivamente pelos artigos "O" e "UM", daí a dessemelhança.

Brasília, 21 de maio de 1974

Helena C. Medeiros
M^{te} HELENA C. MEDEIROS

Handwritten initials and marks in the top right corner.

350/74 - SCTC/SG/DCDP

27, maio

4

Diretor da Divisão de Polícia Federal - RJ.

" O NAVIO NEGREIRO "

" CASTRO ALVES "

Diretor:

Niterói/Rj.

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0530, P. 51

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
UM NAVIO NEGREIRO

CASTRO ALVES

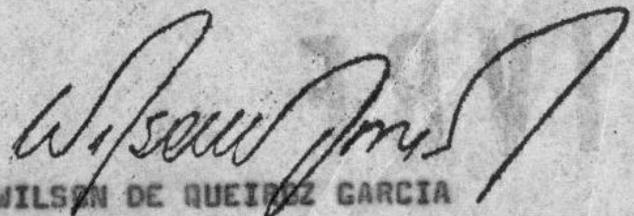
ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ
ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ - RJ.
ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ

21 . MAIO 74

LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADA DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.



MAIO 74



WILSON DE QUEIROZ GARCIA

22/5/88

28
mlon

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, P. 52

491/74

UM NAVIO NEGREIRO

CASTRO ALVES

26

MAIO

79

26

MAIO

79

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

Rogério Nunes



MJ-DFP-SRA/BSE

10 JUN 1935 Nº 035397

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR *Artilha*

23

OFÍCIO Nº 033/74- SCDP/DPF/RJ

Em 05 de junho de 1974

Do Diretor da Divisão de Polícia Federal no Estado do Rio de Janeiro
Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas- DDP/BSE
Assunto : Encaminhamento (Faz)

FICHADO
S. A. DCDP

*Leitura de ao proclamação
de serve de a direção
sua de tais indicações
relatório de caixa
Em 10.6.74*

Senhor Diretor:

Sir, em do presente, para encaminhar a V.S.,
o relatório da peça teatral intitulada " UM NAVIO NEGREIRO ", de
CASTRO ALVES e adaptação de ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ, conforme
o estabelecido no item 2, do Ofício nº 350/74- SCTC/SC/DCDP.

Na oportunidade, reitero a V.S., meus protes-
tos de estima e distinta consideração.

Darcy Pereira Braga
DARCY PEREIRA BRAGA - Bel
Diretor da DPF/RJ

*1. Dica-se à DDP/RJ remeter os
vossos ofícios e documentos sobre
temas de encaminha-mentos através
do Ofício 350/74- SCTC/SC- DDP, os quais
deverão ser resolvidos e devolvidos
à esta Divisão.*

*2. A SE para elaboração dos
ofícios na forma do despacho
supra, ao Sr. Diretor*

F. V. de Azevedo Netto
F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP



Ministério da Justiça

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Divisão de Polícia Federal/RJ

SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICASRELATÓRIO:

Conforme determinações desta Divisão, em acordo com o of. nº 350/74 - SCTC/SC/DCDP, compareci ao teatro municipal de Niterói na data de 01/06/74, onde procedi ao ensaio geral da peça teatral intitulada "UM NAVIO NEGREIRO" de Castro Alves e adaptação de Antonio Carlos Portela de Caz - Certf. 491/74 - LIVRE - Válido até 28/05/79, do qual faço o relato abaixo:

Cenário: composto de andaimes (tubos de ferro) usados em construções, dispostos de maneira tal, que dão a idéia de convés. Ao fundo, no centro, um timão dependurado em cordas. Pequenos complementos em geral, usados em navios da época.

Figurinos: túnicas sem mangas, bem surradas e com respingos de tinta, imitando farrapos. Alguns diferenciavam por terem os rostos / pintados estilo secos e molhados, como também por usarem um "colete" de material imitando metal e compostos por trapos. Estes seriam a tripulação e aqueles, os escravos. Somente um se destacava-se dos demais (o poeta), por usar calça lee e camiseta, atuais.

Diálogo: Seguem o " script ". Em declamação, como manda o mesmo, / sem no entanto, chegar a ser na forma tradicional. Certos trechos / em estilo agressão e dirigido. No capítulo IV, do nº 52 ao 57, inclusive, foi cantado.

Desenvolvimento: de acordo com a numeração no " script ", vários / são os atores. Durante o espetáculo, há de vez em quando um fundo musical, com música popular brasileira antigax. Iniciam comatões / vindo da platéia, após circularem pela mesma, ao tempo que fazem jogo com os spots. Deram movimento as cortinas, como se o navio jogasse. Na separação da platéia com a coxia, subiram alguns atores, ficando de frente para os espectadores. Teatro de agressão, expressões cênicas, vários personagens se incumbindo de tarefas em expressões corporais. Na cena do funeral, "devoram o morto", como se fossem canibais. Quadros de torturas e açoitamento aos escravos. Quase no final, um é preso ao timão, só de sunga. A última frase do texto, é dita pelo poeta de forma irônica e os demais se apresentam a frente do palco como se fossem falar e não dizem nada. (continua)



Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Divisão de Polícia Federal/RJ

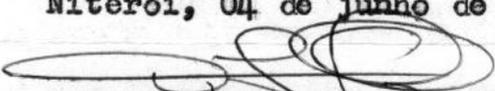
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

R E L A T Ó R I O (Continuação)

Encerrando, todos desfazem-se das indumentárias, ficando somente de sunga e uma figurante (uma só) é que fica de maiô, as outras permanecem do mesmo jeito que estavam. Desfazem-se também da maquiagem.

Obs.: cumpriram o que consta no " script ", todavia, o mesmo sendo examinado, não dá a idéia do que poderá ser feito na peça, muito pelo contrário, tem-se a impressão de ser "água-com-açúcar". Pelo relato exposto percebe-se que não é nada disso. Portanto, se me permite, a classificação etária deveria ser de imprópria a menores de 16 anos, em face ao realizado no ensaio geral. Além do mais, a intenção dos mentores da peça, foi de traçar um paralelismo a atual / situação do povo brasileiro à época reportada na mesma, a de escravidão. S.M.J. é o que me cabia relatar - Subcensura,

Niterói, 04 de junho de 1.974.


tamar frágoso de oliveira
Téc. de cens. credenc.

TEATRO

H M

TÍTULO O NAVIO NEGREIRO.

1) S. ARQUIVO

Documentação _____

Clas. Anterior _____

Praça _____

Obs.: CUMPRIR DESPACHO SR. DIRETOR,
FOLHA Nº 23.

DF. 14 / 6 / 74

[Handwritten signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

*Examinado - se
ao Sr. Diretor
DCDP, com a expe-
dição citada is res.
23. Enviado 20-6-74.*

[Handwritten signature]
WILSON DE QUIFROZ GARCIA
CH-
11 P

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

[Handwritten mark]

5) Diretor da D. C. D. P.

*Libere. 45m - Conf. 45
casos indicados no rel. 45
m. de ensaio. send
20.6.74*

[Handwritten signature]
ROGERIO NENEZ
CH-DCDP

18
4

Of. nº 577/74 - SG/DCDP

19 de junho de 1.974

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Diretor da Divisão de Polícia Federal - RJ.

: " O NAVIO NEGREIRO "

Senhor Diretor:

Encaminho a Vossa Senhoria as anexas 1ª e 2ª vias do Certificado da peça teatral supracitada, de autoria de Castro Alves, solicitando mandar proceder à substituição dos que se encontram em poder do interessado, pelos presentes, devendo aqueles ser recolhidos e devolvidos a esta DCDP.

Atte. Ao ensejo, renovo a Vossa Senhoria por testes de consideração e apreço.

ROGÉRIO NUNES

DIRETOR

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p. 58

*Leg
al*

491/74

• UM NAVIO NEGREIRO

• CASTRO ALVES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

25 JUNHO 79
Rogério Nunes
25 JUNHO 74
ROGÉRIO NUNES

: UM NAVIO NEGREIRO

: CASTRO ALVES

: GRUPO "OS PROVINCIAIS" - GB -
ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ

21

MAIO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUAN
DO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

25

JUNHO

74

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

DEZESSEIS ANOS

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

50
[Handwritten signature]



28 JUN 10 52 39517

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR:

[Handwritten signature]

OFÍCIO Nº 038/74- SCDP/DPF/RJ

Em 27 de junho de 1974

Do Diretor da Divisão de Polícia Federal no Estado do Rio de Janeiro
Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas- DPF/BSB

Assunto : Encaminhamento (FAZ)

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor

*Cont. de ao B. C. Alves
27.6.74*

ROGÉRIO NUNES
Diretor da D. D. P.

Em atendimento ao contido no Ofício nº 577/74-
-SC/DCDP- de 19 de junho de 1974, faço encaminhar a V.S., as anexas
1ª e 2ª vias do Certificado da peça teatral intitulada " UM NAVIO NE-
GREIRO ", de autoria de CASTRO ALVES.

Ao ensejo, reitero a V.S., meus protestos de
estima e distinta consideração.

[Handwritten signature]
DARCY PEREIRA BRAGA Es1
Diretor da DPF/RJ



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p-61

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

5/1

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 491/74

PEÇA UM NAVIO NEGREIRO

ORIGINAL DE CASTRO ALVES

APROVADO PELA D. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 28 de MAIO de 19 79

Brasília, 28 de MAIO de 19 74

ROGÉRIO NUNES

Diretor da DCDP

LIVRE

M.J.-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada UM NAVIO NEGREIRO

Original de CASTRO ALVES

Tradução de _____

Adaptação de ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ

Produção de ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ - RJ.

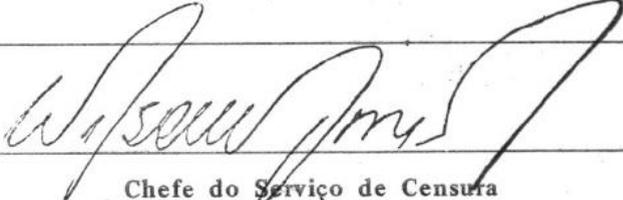
Requerida por ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ

Tendo sido censurada em 21 de MAIO de 19 74 e recebido a seguinte classificação: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADA DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 28 de MAIO de 19 74

m1on

DPF-150


 Chefe do Serviço de Censura
 WILSON DE QUEIROZ GARCIA



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0530, p.63

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 491/74

PEÇA UM NAVIO NEGREIRO

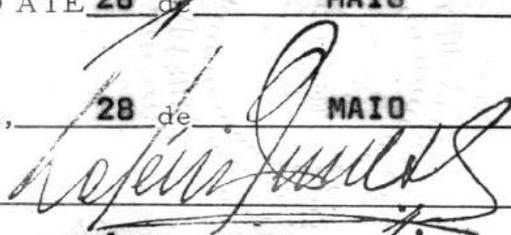
ORIGINAL DE CASTRO ALVES

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 28 de MAIO de 19 79

Brasília, 28 de MAIO de 19 74

LIVRE


ROGÉRIO NUNES

Diretor da DCDP

58
M

M.J.-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada UM NAVIO NEGREIRO

Original de CASTRO ALVES

Tradução de _____

Adaptação de ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ

Produção de ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ - RJ.

Requerida por ANTONIO CARLOS PORTELA DE CAZ

Tendo sido censurada em 21 de MAIO de 19 74 e recebido

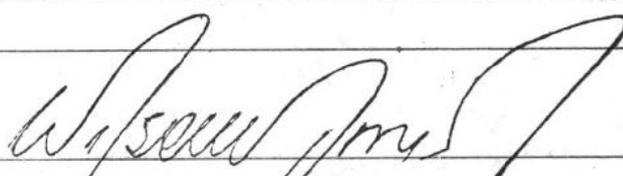
a seguinte classificação: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADA DO "SCRIPT" DEVI-

DAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 28 de MAIO de 19 74

mlon

DPF-150


Chefe do Serviço de Censura
WILSON DE QUEIROZ GARCIA

FICHADO
S. A. DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB

10 JUN 14 33 74 035305

RECEBIDO POR

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Departamento de Polícia Federal

Divisão no Rio Grande do Norte

OFICIO Nº 597/74-SCDP/DPF/RN

Natal, 07 de Junho de 1974.

DO: DIRETOR DA DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL/RN

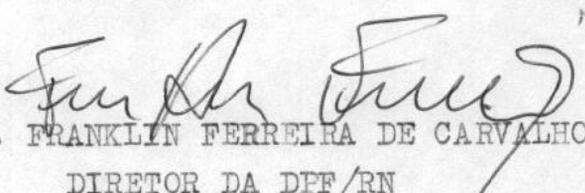
AO: DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES
PÚBLICAS DO DPF/BSB

AS: PEÇA TEATRAL (ENCAMINHA)

Senhor Diretor:

Pelo presente, encaminho a V.Sa., três vias da peça teatral "O NAVIO NEGREIRO" e TORTURAS DE UM CORAÇÃO", acompanhadas do respectivo requerimento, para ser submetida à competente censura.

Prevaleço-me da oportunidade para reiterar a V.Sa., meus protestos de consideração e apreço.


Bel. FRANKLIN FERREIRA DE CARVALHO
DIRETOR DA DPF/RN

FFC/mncs



Av. Rio Branco, 571 Edif. Barão do Rio
Branco 8º. andar End. Teleg.: SESINORTE
NATAL - RN

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

(Criado, Organizado e Dirigido pela Confederação Nacional da Indústria, nos termos do decreto lei nº. 9403 de 25-6-1946)
DEPARTAMENTO REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Natal, 5 de junho de 1974

OF. nº 238 /74-SUP



Senhor Diretor:

O Serviço Social da Indústria - SESI, Departamento Regional do Rio Grande do Norte, submete a esse Serviço de Censura, em 03(tres) cópias mimeografadas, os textos "O NAVIO NEGREIRO", de Castro Alves e "TORTURAS DE UM CORAÇÃO", de origem popular, que se pretende sejam encenadas pelo TEATRO OPERÁRIO DE NATAL - Grupo pertencente ao SESI/RN.

Deixamos de enviar o Atestado da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT, em virtude dos textos serem considerados de domínio público.

No aguardo do seu pronunciamento, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,

Clélia Vale Xavier
Clélia Vale Xavier

Superintendente

Ilmº Sr.

Dr. Rogério Nunes

MD Diretor de Censura e Diversões Públicas

BRASILIA, DF

MJ-DFP-SRA/BSB
5 AGO 14 36 74 50523

DFP
67

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Departamento de Polícia Federal
Divisão no Rio Grande do Norte

OFÍCIO Nº 320/74-SCDF/DFP/RN Natal, 12 de Agosto de 1974

DO: DIRETOR DA DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL/RN
AO: DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES
PÚBLICAS DO DFP/BSB.
AS: Ref. RÁDIO Nº 270/DCDF

De ordem
ao arquivo
em 160874
Car

RECORRIDO
A. A. DEDP

Senhor Diretor:

Em atendimento ao Rádio nº 270/DCDF/74
encaminhado a V.Sa., a autorização nº 175814 da SBAT juntamente com
o ofício nº 330/74 do SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA.

Valho-me da oportunidade para reiterar
a V.Sa., meus protestos de consideração e apreço.

Francisco Ferreira de Carvalho
Bel. FRANCISCO FERREIRA DE CARVALHO
DIRETOR DA DFP/RN

FEC/rs.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p. 67



Av. Rio Branco, 571 Edif. Barão do Rio
Branco 8º andar End. Teleg.: SESINORTE
NATAL - RN

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0530, p. 68
SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA
(Criado, Organizado e Dirigido pela Confederação Nacional da Indústria, nos termos do decreto lei nº. 9403 de 25-6-1946)
DEPARTAMENTO REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Of. nº 338/74-SUP

Natal, 9 de agosto de 1974

Senhor Diretor:

Informados pela Coordenadoria Regional de Polícia Federal neste Estado, da solicitação recebida dessa Diretoria, quanto ao Atestado da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT, concernente aos textos submetidos a esse Serviço de Censura, através do Ofício nº 238/74-SUP, de 05.06.74, procuramos o Agente local da SBAT, sendo por ele assegurada a afirmação constante do nosso Ofício em referência de que a SBAT não interfere com a encenação dos textos de autoria de Castro Alves - em nosso caso, "O NAVIO NEGREIRO".

Estamos, portanto, encaminhando anexo, apenas a autorização nº 175814, da peça teatral "TORTURAS DE UM CORAÇÃO", de Ariano Suassuna.

Atenciosamente,

Olga Barbalho Simonetti
Olga Barbalho Simonetti

Ilmo. Sr.

Dr. Rogério Nunes

MD Diretor de Censura e Diversões Públicas

BRASÍLIA - DF

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº *P. C. - C. 1530*
Recebido em *14 JUN 1974*
Encaminhado a: _____
fm _____
Assinatura: *RP*

55
44
2

PREÂMBULO
Espécie: OFICIAL
Origem: _____
Número: _____
Palavras: _____
Data: _____
Hora: _____

ENDERÉCO
DPF/RN

QUITAZÃO
HRS: _____ OPR: _____

TELECOPIA TRANSMITIR

Nº 270 de 12 - 6 - 74 — REOP 597/74-SCDP/DPF/RN VG SOL INFORMAR
CLELIA VALE XAVIER VG SUPERINTENDENTE SESI - DEPART REGIONAL RN -, NECES
REM GUIA SBAT PEÇAS " O NAVIO NEGREIRO" ET "TORTURAS DE UM CORAÇÃO" PT
DIR DODP

Assinatura ou rubrica do expedidor: *W. Paulo José - P/Dir. de DODP.*

TEATRO

TÍTULO O NAVIO NEGREIRO.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em OrdemClas. Anterior LIVREPraça NATAL - RNObs.: RETIDA AGUARDANDOGUIA SBAT.DF. 20 / 8 / 74W. Oliveira
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o Parecer no 19392/74.Emita-se os certificados, livre, sem corte, condicionada, todavia ao nome do inscriu geral.A consideração do senhor chefe do S.C.Em, 09.09.74Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres ASC

5) Diretor da D. C. D. P.

Livre-seEx 110974Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura Subst.



Handwritten signature and initials

PARECER Nº 19392 / 74

TÍTULO: O NAVIO NEGREIRO - Castro Alves (peça teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

A peça que me foi apresentada para confronto versa sobre o poema "O Navio Negreiro" de Antonio de Castro Alves com introdução de dados bibliográficos a respeito do grande poeta abolicionista. A referida peça difere um pouco da anteriormente examinada e que faz parte do processo mas o poema que é o essencial na peça não foi alterado e dado o seu valor literário e educativo, valioso divulgador da nossa literatura, opino pela sua liberação com a chancela de LIVRE.

Brasília-DF, 06 de setembro de 1974.

Handwritten signature of Cleusa Maria Ferreira Barros
Cleusa Maria Ferreira Barros

60
M

110974

718/74-SCTC/SC/DODP

Diretor da Divisão de Polícia Federal em Natal -RN

O NAVIO "NEGREIRO"

Castro Alves

Diretor:

Natal -RN

MFCG/rs

60

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

O NAVIO NEGREIRO

CASTRO ALVES

491/74

TEATRO OPERARIO DE NATAL - RN -

O NAVIO NEGREIRO

CELIA VALE XAVIER

DE SETEMBRO

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENCALO GERAL. O PRE-
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE

CASTRO ALVES

VIGIANTES CARINHADO PELA DCP.

10 SETEMBRO 79

LIVRE

10 SETEMBRO 74

Rogério Nunes
ROGERIO NUNES

1974

10
9

: O NAVIO NEGREIRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0530, p.74

: CASTRO ALVES

AT/ISS

: TEATRO OPERÁRIO DE NATAL - RN -
CLÉLIA VALE XAVIER

06 SETEMBRO

O NAVIO NEGREIRO :
74

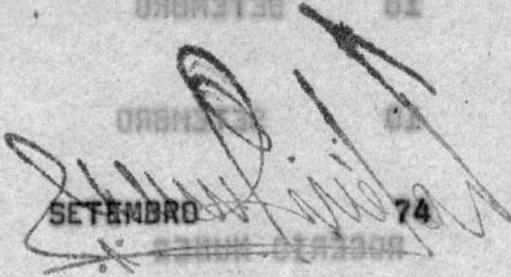
L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRE-
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE
VIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

95 09/09/74

AT

10

SETEMBRO 74



Manoel Francisco C. Guido
MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

MHF



UF - DPF - SR / BSB

12 NOV 11 21 042547

DPF-SRA
fl. n.º 1
Rub. 7

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

SRA/FICHADO

OF.
Nº. 4731/76-SCDP/SR/SP

Em, 11 de novembro de 1976.

Senhor Diretor

FICHADO
S.A. DCDP

Em cumprimento do que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "PLUFT, O FANCA-SINHA" original de Maria Clara Machado, "SHOW DE VARIEDADES" ou "SHOW ELETRON" original de João Barbosa de Araújo, "A FLOR DESABROCHOU" original de Antonio Toro, "LALA, LOZO e LULU" original de Jaine Carezzi, "UM PAPAÍ NOEL DIFERENTE" ou "GUERRA DOS ANJOS" original de Otto Prado, "UM PONTO DE LUZ" original de Fauzi Arap, "A ARTE DE SER PAI" original de Ruy Afonso, "VAMOS COLORIR O MUNDO" original de Jurandyr Pereira, "O PAGADOR DE PROMESSAS" original de Dias Gomes, "MACHADO DE ASSIS ESTA NOITE" adaptação de José Antonio de Souza, "ARENA CONTA TIRADENTES" original de G. Guarnieri e A. Boal, "UM PEDIDO DE CASAMENTO" original de Anton Tchekov, "O URSO" original de Anton Tchekov, "A MALDIÇÃO DO VELHO CASTELO" criação coletivado Grupo Renascença, "O NAVIO NEGREIRO" original de Castro Alves, "DIZER... NÃO EXPLICAR" original de Ivan José.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

Jose V. Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.

DR. ROGERIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

B R A S I L I A / D F

ESCOLA ESTADUAL DE 1.º 2.º
GRAUS DO KM. 18
AV. COMANDANTE SAMPAIO 285
DREGSP - DE - OSASCO - 06000

03 novembro

6

Ilmo. Sr. Diretor do Departamento de Censura Federal

JORGE A. R. DA SILVA, R.G. nº 5.656.583, professor de Português da Escola Estadual de 1º e 2º Graus do "Km.18", tendo feito, com outros professores e alunos do estabelecimento, uma montagem teatral com o poema "ONavio Negreiro", de Castro Alves, e desejando apresentá-la em teatro, vem respeitosamente requerer a V. Sª. a censura para o referido texto.

N. TERMOS

P. Deferimento

Osasco, data supra.

Jorge A. R. da Silva

1
CH
M

O NAVIO NEGREIRO (*)

Castro Alves

Tragédia no mar

1ª

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar -- doirada borboleta --
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias
-- Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos,
Ali se estreitam num abraço insano
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?...

'Stamosem pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares
Como roçam na vaga as andorinhas ...

Donde vem?... Onde vai?... Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade...
Embaixo -- o mar... em cima -- o firmamento...
E no mar e no céu -- a imensidade!

65
M
2

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meus Deus! Como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai Esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra -- é o mar que ruge pela proa,
E o vento que nas cordas assobia...

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar -- doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviatã do espaço!
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas...

2ª

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu Lar?...
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!

Cantai! que a noite é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como o golfinho veloz.
Preso ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
às vagas que deixa após.

66
v

Do espanhol as cantilenas
Requebradas de languor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor.
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente
-- Terra de amor e traição --
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos do Tasso
Junto às lavas do Vulvão!

O Inglês -- marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou --
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
De Nelson e de Aboukir,
O Francês -- predestinado --
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir...

Os marinheiros Hejenos,
Que a vaga iônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
... Nautas de todas as plagas!
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu...!

Desde no espaço imenso, ó águia do oceano!
Desde mais, inda mais... não pode o olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador.
Mas que vejo eu ali... que quadro de amarguras!
É o canto funeral!... Que téticas figuras!...
Que cena infame e vil!... Meus Deus! Que horror!

69
M

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas evermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite.
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!

.....

Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

68
M

E ri-se a orquestra irônica estridente...
E da roda fantástica a serpente
Faz doudas espirais!
Qual um sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os cúes...
Ó mar! por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Quem são estes desgraçados,
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são?... Se a estrela se cala,
Sea a vaga à pressa revala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa musa,
Musa libérrima, audaz!

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde voa em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Homens simples, fortes, bravos...

Hoje míseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com tíbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
Nalma -- lágrimas e fel.
Como Agar sofrendo tanto
Que nem o leite do pranto
Têm que dar para Ismael...
Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram -- crianças lindas,
Viveram -- moças gentis...
Passa um dia a caravana
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
... Adeu! ^s ó choça do monte!...
... Adeus! palmeiras da fonte!...
... Adeus! amores... adeus!...

Depois o areal extenso...
Depois o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na cadeias,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer...

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormindo à toa
Sob as tendas d'amplidão...
Joje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Joje, cum'lo de maldade
Nem são livres p'ra... morrer...
-- Férrea, lúgubre serpente --
Nas roscas da escravidão.
E assim roubados à morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoite... irrisão!

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
de Teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Varrei os mares, tufão...

E existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nesta festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Auriverde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Fosta hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um íris, no pélagos profundo!...
... Mas é infâmia de mais ... Da etérea plagla
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Anfrada! Arranca este pendão dos ares
Colombo! fecha a porta de teus mares!

(C.Alves -- Os Escravos)

.....

8
F
al

Handwritten initials/signature

TÍTULO O NAUJO NEGROIS

CASTRO ALVES

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça SD-SP

Obs.: _____

DF. 13/12/76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A. S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores~~ livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 11 de abril de 1977

Maria Arlete R. Gama
Maria Arlete R. Gama

Brasília-DF

Ch. S.C.T.C./SC/DCDP

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: livre

Brasília-DF, 14 de abril de 1977

Carlos A. Molinari de Carvalho
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

79
M

1358/76-SCTG/SC/DCDP

14 dezembro

76

São Paulo

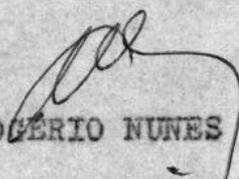
4731/76-SCDP-SR/SP

" O NAVIO NEGREIRO "

Castro Alves

491

Livre


ROGERIO NUNES



AM

PARECER Nº 1320 / 77

TÍTULO: O NAVIO NEGREIRO

Autor: Castro Alves

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Procedendo ao confronto do texto do poema " O NAVIO NEGREIRO", de autoria de Castro Alves, a ser encenado em teatro, verificamos perfeita identidade entre o apresentado e aquele anteriormente censurado, podendo ser liberado com a classificação etária anteriormente imposta, ou seja, LIVRE, todavia, condicionado ao ensaio geral.

Brasilia, 05 de abril de 1977

Maria Jose Bezerra de Lima
Maria Jose Bezerra de Lima

Ofício nº 527/77-SCTC/SC/DCDP

11/04/77

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo

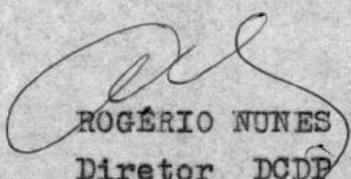
Encaminhamento - faz -

Ref. Of. nº 4731/76-SCDP/SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, encaminho a / V.Sa., as anexas 1ª e 2ª vias do certificado de censura da peça / teatral intitulada "O NAVIO NEGREIRO", de Castro Alves.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.


ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

Handwritten signature/initials

DAVID NEGREIRO

CASTRO ALVES

491/77

DAVID NEGREIRO

CASTRO ALVES

28 MAIO

79

13 ABRIL

77

LIVRE

Handwritten signature
NEGREIRO ALVES

: O NAVIO NEGREIRO

: CASTRO ALVES

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS DO KM 18 - SP

11 ABRIL

77

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

13

ABRIL

77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO



MJ-DPF-SRA/BSE

10 AGO 09 36 025134

FICHA DO S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SRA/FICHA DO

OF. Nº 7.032/77-SCDP/SR/SP

Em, 08 de agosto de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto, relatórios de texto e relatório de ensaio geral das peças teatrais "REGRESSO" original de Aparecido Izabel Massi; "PROCURA-SE UMA ROSA", original de Pedro Bloch; "ENSAIO NO CAMPO NÚMERO CINCO" original de Geraldo Ribeiro Chaves; "A BARBEARIA" original de Hugo Zorzetti; "A CANTORA CARECA" original de Eugene Yonesco; "O QUARTEL DOS PEQUENOS VAGABUNDOS" original de Jurandyr Pereira; "AMOR A OITO ANOS" original de Pedro Bloch; "RECANTO DO INFERNO" original de José Barbosa dos Santos; "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN" original de Nelson de Andrade Silva e "O NAVIO NEGREIRO" original de Castro Alves.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S., a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

Jose Vieira Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

VADO → **PROMOÇÕES ARTÍSTICAS E SOCIAIS LTDA.**

Rua Jorge Hennings, 464 - Fone 41-5808 - Castelo CGC 48.632.541/0001-69 - Inscr. Municipal 26.621

CAMPINAS - S.P.

ILMO. SR.
CHEFE DA CENSURA FEDERAL

Benedito Irivaldo de Souza, diretor da Vado Promoções Artísticas e Sociais Ltda, e autor da peça (adaptação) "O Navio Negreiro", mui respeitosamente vem requerer a V.Sa., a expedição da renovação do Certificado da peça "O NAVIO NEGREIRO", original de Castro Alves.

Para tanto anexa a este o Certificado vencido e tres vias do texto que praticamente não tiveram modificações.

Certo da atenção e carinho de V.Sa., apresenta os mais altos protestos de estima e consideração.

Nestes Termos
P. Deferimento

São Paulo, 7 de junho de 1977



BENEDITO IRIVALDO DE SOUZA



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0530, p-93

Handwritten initials

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 5142/72

PEÇA " O NAVIO NEGREIRO "

ORIGINAL DE 1 CASTRO ALVES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 29 de JUNHO de 1972

Brasília, 29 de JUNHO de 1972

Handwritten signature of Rogério Nunes

Chefe do S. C. D. P.

- ROGÉRIO NUNES -

**PROIBIDO
PARA MENORES DE
10 ANOS**

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, P. 94

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 62, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada "O NAVIO NEGREIRO"

Recebi o certif. e o texto em 18/08/72

[Signature] 68.223

Original de GASTRO ALVES

Tradução de _____

Adaptação de BENEDITO RIVALDO DE SOUZA

Produção de EMPRESA VADO APRESENTA

Tendo sido censurada em 26 de JUNHO de 19 72 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS, COM CORTES NA

PÁGINA 14, CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO /

SOENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO /

PELO SCOP.

Brasília, 29 de JUNHO de 19 72

[Signature]
- HUGO POVOA DA SILVA -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

40
M

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O NAVIO NEGREIRO" - Peça Teatral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Para maiores de 10 anos

De acordo

Paula SCDP/SP

A peça é uma adaptação de Benedito Irivaldo de Souza do poema de Antonio Frederico de Castro Alves do / mesmo nome. Conta o amor de um jovem negro que sofre por não se achar digno do amor de uma moça branca. Após a de clamação da poesia ele analisa a juventude e seus sentimentos afloram, agora, sem complexos. Confessa seu amor / e, alegre, vê que é correspondido.

O tom pessimista inicial que o leva a lembrar / seus antepassados e, conseqüentemente, "O Navio Negreiro" é, no final, substituído pela esperança e otimismo. O / texto, portanto, tem caráter histórico e literário, porquanto nós dá um visão da época escravagista e da obra / de Castro Alves na sua fase social de luta abolicionista. Por outro lado, observa-se uma comparação entre a condi- ção do negro escravo/oprimido e a atual em que tem chan - ces e direitos idênticos ao branco, podendo lutar por / seus ideais.

No todo a mensagem é conduzida para a valoriza ção do ser humano sem distinção de raça e meio social. / Pelo fato do texto exigir escolaridade dada a linguagem / erudita do poema e da temática abordada, justifica-se, a / nosso ver, a classificação para maiores de 10 anos, sem / cortes, condicionada a ensaio geral.

*Foi dispensado o ensaio -
geral e acompanhada a
estreia do espetáculo
Paula SCDP/SP*

São Paulo, 04 de julho de 1977

Paula SCDP/SP
MARIA CELESTE FARIA CAMPANHOLO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

8/11

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: PEÇA TEATRAL: " O NAVIO NEGREIRO " de Benedito

Irivaldo de Souza

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 ANOS

De acordo c/ o Parecer

de
ca. SCOP/PA/HA

Tendo procedido ao confronto do texto " Navio Negro ", foram notadas várias mudanças no texto atual, permanecendo, no entanto, a essência do tema: o amor de um negro, por uma jovem branca.

O enredo: um jovem relembrando a adolescência, pensa com amor em uma garotinha que havia conhecido e que ainda ama. Porém no início de sua recordação angustia-se, pois predomina em sua mente um conflito: sua cor de pele; esta o impede de tomar quaisquer decisões para expandir esse profundo sentimento. Portanto ao racializá-lo, procura a descoberta / do homem e mais especificamente a personalidade dos heróis / de sua raça.

Esta emoção amadurece, superando todos os obstáculos, refreando o complexo de inferioridade, causado pela textura de sua cor, a sublimação vence, cresce e impera o amor.

O sub-tema: o conagraamento de todas as raças. O homem não se mede pelo seu aspecto físico, nem pelo seu poderio econômico, e sim por suas atitudes, seu bom-senso, sua personalidade, sua grandeza de caráter, pela sua bondade e outras inúmeras virtudes.

Mensagem: altamente positiva, pois destrói todos / os convencionalismos deixados pela imagem histórica do passado: a consideração dos negros, como uma sub-raça.

Pelo exposto, opino, pela LIBERAÇÃO da peça, em / concordância com a impropriedade fixada anteriormente, ou seja: 10 ANOS, sem cortes.

*Foi dispensado o estudo
geral e acompanhado de
estudo do capitão
de*
ca. SCOP/PA/HA

São Paulo, 04 de julho de 1977

Maria

Maria Urañia Leite Correia Lima

88
M

TÍTULO 0 NAVIO NEGREIRO

CASTRO ALVES

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.: _____

DF. 22, 08, 1977

Gualberto
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de ceus, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: classificação de acordo com parecer nº 35.98/77
Brasília-DF, 26 de agosto de 1977

Maria Arlete R. Gama
Ch. S.C.T.C.-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: Livre

Brasília-DF, 29 de agosto de 1977

Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

89
alPARECER Nº 3598 177TÍTULO: "O NAVIO NEGREIRO" (Autor: Castro Alves)ADAPTAÇÃO: Benedito Irivaldo de SouzaCLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

CONFRONTO

No confronto entre os textos observei absoluta identidade entre os mesmos, baseada no art. 10 da Lei nº 5536, ratifico a liberação anteriormente dada, ou seja, LIVRE.

Chamo a atenção para que durante o ensaio se faça uma observação cuidadosa para a adaptação dos personagens.

Brasília, 26 de agosto de 1977

Helena Medeiros
M^{te} HELENA MEDEIROS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p. 99

O NAVIO NEGREIRO

CASTRO ALVES

491/77

O NAVIO NEGREIRO

CASTRO ALVES

LIVRE

28

MAIO

79

29

AGOSTO

77

Rogério Nunes
ROGERIO NUNES

330

O NAVIO NEGREIRO

CASTRO ALVES

BENEDITO IRIVALDO DE SOUZA

VADO PROMOÇÕES ARTÍSTICAS E SOCIAIS LTDA - SP

BENEDITO IRIVALDO DE SOUZA

26 AGOSTO

77

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE

**CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMEN
TE CARIMBADO PELA DCDP.**

ET

OTAV

85

TT

OTAV

85

29

AGOSTO

77

OPB

CARDOS A. MOLINARI DE CARVALHO

LIVRE

84
M

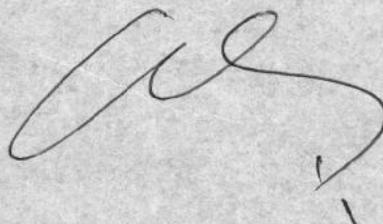
1218/77

DF, 22/08/77

em São Paulo

7032/77-SCDP/SR/SP

"O NAVIO NEGREIRO" de Castro Alves.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530,0-102



SP
85 M

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O NAVIO NEGREIRO"

"CASTRO ALVES

MJ - DPF - DCDP - BSB

10 JUL 14 12 3 012568

86
M

ILMO. SR.

RECEBIDO POR RICARDO DCDP

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DE SÃO PAULO

Benedito Irivaldo de Souza, RG-8.806.211, brasileiro residente na rua Araçoiaba da Serra nº-964 Cidade Jardim em Campinas, representando a Vado Promoções Artísticas e Sociais Ltda., com sede no mesmo endereço pretendendo encenar a peça teatral THE SLAVE SHIP, cujo texto se encontro anexo a este em tres vias, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa., se digne mandar proceder a leitura e exame censório do ensaio geral em data e local, bem como hora a serem designados por esta Chefia.

Para tanto, presta as seguintes informações

Nome da peça.....THE SLAVE SHIP - O NAVIO NEGREIRO
Autor.....CASTRO ALVES e BENEDITO IRIVALDO DE SOUZA
Tradutor.....RICHARD RICKY e HELDER MADEIRA
Produtor.....VADO PROMOÇÕES ARTÍSTICAS E SOCIAIS LTDA
Grupo profissional ou..PROFISSIONAL
Local.....PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL = CENTRAL = NORTE E EUROPA=CONTINENTE AFRICANO.
Telefone para contato..21986 ou 84892 - CAMPINAS - DDD)0192

Termos em que,
P. Deferimento

São Paulo, 10 de julho de 1980


COM. BENEDITO IRIVALDO DE SOUZA
RG-8.806.211

Encaminhado pelo OF. 1679/80 - SCDP - SR15P

478/5047

"O NAVIO NEGREIRO"
"THE SLAVE SHIP" - Adaptação de Benedito Irivaldo de Souza

LIVRE

(profissional)

Autoria: Castro Alves e Benedito Irivaldo de Souza
Tradução: Richard Ricky e Helder Maideira
Produção: Vado Promoções Artísticas e Sociais Ltda.
Grupo profissional.

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARECER DOS CENSORES

12 / 09 / 80

CPF 57 / SP
José Augusto Costa
Chefe do C.C.P.

Trata-se de versão em inglês da peça original em português intitulada "O navio negreiro", já anteriormente liberada e encenada.

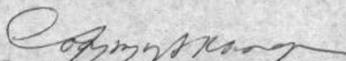
É um monólogo mostrando um jovem negro apaixonado por uma loira, em estado depressivo e que tenta se compreender regressando às suas raízes. Reporta-se ao poema "O navio negreiro", de Castro Alves, à história de seus antepassados e aos feitos heróicos de sua gente na luta pelos ideais de liberdade e justiça.

Em suma, transmite mensagens de amor e de esperança.

A encenação é simples, expressando-se o ator por meio de muita coreografia e expressões faciais. O mesmo apresenta-se trajado ora de terno, ora de sunga e corrente grossa.

Face aos aspectos poético e de divulgação cultural do espetáculo, em nada ferindo as normas censórias vigentes, opino pela sua liberação, com a classificação etária = LIVRE.

São Paulo, 11 de setembro de 1980.


Yoshimi Saito Kanayama

T.C.

TEATRO

68
M

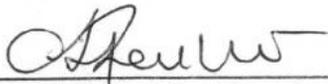
TÍTULO "O NAVIO NEGREIRO"

"CASTRO ALVES"

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVREPraça SÃO PAULO / SP

Obs.: _____

DF. / 13 / 10 / 80

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

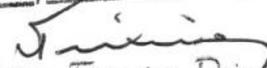
Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 16 / 10 / 1980
Arésio Teixeira De Azevedo
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requeri-
mento de censura e com a classificação: ~~livre~~
~~para menores de~~ LIVRE ~~para~~
~~se~~ cortes, condicionada ao exame do ensa-Obs.: confronto com o Ensaio GeralEmitido em 14 de 10 de 1980
Heli Prudente Carnalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, P-106

491

"O NAVIO NEGREIRO"

CASTRO ALVES

15

OUTUBRO

85

LIVRE

15

OUTUBRO

80

Jose V. Madeira
JOSÉ VIEIRA MADEIRA

4.107/80-DCDP

15/10/80

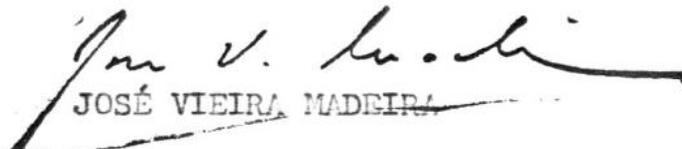
Superintendente Regional do DPF em São Paulo

"POP, A GAROTA LEGAL", "O NAVIO NEGREIRO" e "O JUDAS
EM SÁBADO DE ALELUIA".

AUTORES: RONALDO CIAMBRONI
CASTRO ALVES
MARTINS PENNA

Superintendente:

SÃO PAULO/SP


JOSÉ VIEIRA MADEIRA

TIPO; SR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM SÃO PAULO

Int. 30035

27/12/82

BENEDITO IRIVALDO DE ~~SOUZA~~, SOUZA, RG. 8.806.211 brasileiro, residente a rua aracoiaba da Serra 964 - Campinas, representante do grupo Teatral VADO PROMOÇÕES ARTÍSTICAS E SOCIAIS LTDA. com sede a rua acima, pretendente encenar a peça teatral " NAVIO NEGREIRO", cujo texto se encontra anexo a este em três vias, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa., se digne mandar proceder à leitura e exame censório do ensaio geral, em data e hora a serem designadas por essa Chefia.

Para tanto, presta as seguintes informações:

Nome da Peça. " NAVIO NEGREIRO"

AUTOR: Castro Alves e Adaptação de Benedito Irivaldo de Souza

Tradutor :-

Produtor: Vado Promoções Artísticas Ltda

Grupo Profissional

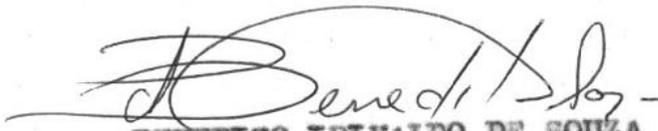
Local: Teatro de Bolso

Telefone para Contacto 2759464

Termos em que,

P. Deferimento

São Paulo, 27 de dezembro de 1.982


BENEDITO IRIVALDO DE SOUZA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530 R/109

0

**NAVIO
NEGREIRO**

DRAMA ÉPICO
EM 1 ATO

APRESENTAÇÃO

O NAVIO NEGREIRO

ADAPTAÇÃO: Benedito Trivaldo de Souza

POEMA: Antonio Frederico de Castro Alves

CENÁRIO

Uma mesa (escrivadinha), contendo telefone, livros, se possível: troféus e flores.

ILUMINAÇÃO

Esta deve ser o mais completa possível, pois trata-se de um monólogo e por ter um cenário simples, a iluminação deverá auxiliar os efeitos visuais.

LUZES INDISPENSÁVEIS: Strobos. . . Negras. . . Estrias. . . Ritmicas. . . Submarina. . . Spots Lights-coloridos.

SOM

Deverá ser de preferência estéreo e com alta potência, em determinados trechos do texto os acordes, assim como as músicas deverão estar em alto volume simbolizando o delírio do personagem.

ADERÊÇOS

Lança, correntes, Guache, Tambores, Tanga.

PERSONAGEM

Um negro apaixonado por uma loira, o mesmo está complexado por sua origem, e desconhecendo os seus heróis a exemplo: Chico Rei, Chica da Silva, Baltazar, Luis Gama, André Rebouças, Zumbi, relembra o início do grande amor. . .

ATOR

Trata-se de um monólogo que exige perfeita expressão corporal, coreografia, e resistência física o mesmo deverá ser negro para melhor identificação do texto.



ADAPTAÇÃO

ATOR: Cumprimenta o público e. . . Neste momento me é consignado o prazer de apresentar-lhes a adaptação da obra máxima de Castro Alves, intitulada O NAVIO NEGREIRO .

Castro Alves, o grande poeta brasileiro que marcou com letras douradas o seu nome em nossa História.

Ele que insofreável, que infinito, que das ultra-dimensões, no advento da sua maturidade psíquica, não restringiu às miragens, ao irreal, a uma série de efeitos falsos, que até hoje geram pela superfície.

A literatura, como denota nesta obra O NAVIO NEGREIRO embebedou-se plenamente nos transcurtos universais.

Castro Alves, este poeta que nasceu na Bahia, em 14 de março de 1847, em Muritiba, já nos primórdios da sua infância, sentia o espírito livre e devotado pelas causas sublimes. Razão pela qual em 1862, seguiu para Recife, matriculou-se na Faculdade de Direito. Todavia, não lhe foi o possível concluir os estudos por motivos de doença, mas teve grande influência na formação da mocidade acadêmica do seu tempo. Fazendo sempre prevalecer a nota livre e generosa em todas as questões. Foi sem dúvida alguma, um dos mais ardorosos abolicionistas do nosso Brasil. Admitindo sempre com justiça, os conflitos da alma não eram produzidos por conflitos do espírito, e sim pela sociedade.

Um dos traços característicos de Antonio Frederico de Castro Alves, era o seu amor pelos oprimidos e para estes, ele escreveu diversos poemas, que hoje são considerados grandes obras, entre estas obras posso citar: A Senzala, A mãe do Cativo, Pedro Ivo, Á Duas Flores, Vozes D'África, Os Jesuítas, Uma Taça feita de Um Crânio Humano, Lúcia, Dous de Julho, O Livro e a América, Saudação a Palmares. . . porém com esta obra O Navio Negreiro, foi de Castro Alves, alcançou um belo, bem sublime, distante, de todas as costumeiras formalidades românticas.

Enquanto que outros poetas a exemplo: Gonçalves Dias, ou mesmo Rui Barbosa. . . buscavam o índio, ou o europeu como herói, Castro Alves foi buscar o negro, e o negro não era nada estético, era tido como de casta inferior na sociedade, mas o mesmo negro, que muito contribuiu com suas mãos, com o seu trabalho, para que hoje todos nós possamos frutar deste Brasil, livre e fulgoroso.

O índio, era um herói, muito mais fácil de ser forjado, devido a sua condição de guerreiro e o mesmo vivia da caça e da pesca, o que era muito romântico para os poetas, e ainda não participava da sociedade, enquanto que o negro não vivia da caça e nem da pesca, mas participava da sociedade; como escravo, pisado, açoitado, acorrentado, porém para Castro Alves, tanto o negro, o índio e o branco, todos eram tidos como feições e sensibilidades de um homem. E foi na alma deste jovem poeta, que nasceram os versos, as estrofes do poema O NAVIO NEGREIRO .

Depois de um século da morte de Castro Alves, para ser mais preciso em 1971 o jovem autor Benedito Irivaldo de Souza, transforma o poema num espetáculo teatral (faz uma adaptação). Uma adaptação que seria incompleta se não inserisse o amor, porque Castro Alves, amou a atriz Eugênia Infante Câmara, amou os oprimidos, amou seus pais e seus amigos.

Porisso nessa adaptação impera o amor . Uma mensagem aos jovens, porque Castro Alves, foi um poeta abolicionista e após escrever seus poemas, de imediato apresentava-os para os estudantes da época, entre eles Rui Barbosa, Rodrigues Alves e Tobias Barreto.

É uma adaptação que contém músicas modernas, para melhor entendimento dos jovens atuais.

Senhores. Trata-se de um rapaz apaixonado por uma moça. Este rapaz somente em um silêncio como este, ou ainda se debruçado na janela contemplando as estrelas, consegue encontrar conforto ou amenização para sua dor do amor que gradativamente aumenta, tal como interpretam as lágrimas que deslizam em sua face no transcorrer da encenação. É falando sobre Castro Alves, sobre o amor, que este ator neste palco, se apresenta, para unir a literatura, a poesia, ao belo e ao grande. Meu nome é. . .

MÚSICA MODERNA. . . . luzes variadas.

COREOGRAFIA. . . . (da evolução do negro no mundo inteiro. . . inclusive os dilemas e conflitos raciais).

DELIRIO E COMPLEXO DO NEGRO

(2.^a CENA)

Após a dança, o ator agradece aos promotores do espetáculo, faz a apresentação da técnica. . . e . . . se transforma no rapaz apaixonado: Miuly eu a amo, esta é a realidade, eu ainda a amo, Deus, até quando vou amar esta mulher, até quando Senhor. Miuly, se ao menos eu soubesse que você também gosta de mim, seria tudo diferente, Miuly, que adianta eu ficar sozinho nesta casa, afastar-me dos amigos, não ver você, que adianta ficar estudando se a matéria não entra na cabeça, que adianta esta solidão. Esta solidão que maltrata. . .

Às vezes solidão machuca. A gente pensa como gente e vê que o certo é libertar-se. A mesma liberdade que um povo tinha e lhe foi roubada, para ser transformado na mão de obra deste e de outros países.

E o tempo passou, até que esse povo cansado das correntes e os impostos subindo para os patrões, aumentaram as rebeliões, muitas lutas, misérias, tragédias, mas venceu a verdade e este povo reconquistou a liberdade.

Voltou a cantar, a sorrir, a dançar, a amar, era um povo livre. . . livre, porém fraco. Pois durante longo tempo foi mal alimentado. A primeira preocupação deste povo foi a fatura. . . fatura de alimentos.

Eis que o brado de um líder sobressaiu — "Gente, vamos tirar do solo e do trabalho a nossa alimentação." Sob sol e chuva, dia e noite, semanas, meses, anos sem cessar era este povo a trabalhar, só por um ideal, bem se alimentar. . . e o tempo passou. . . Os homens voltaram a ser fortes. Às mulheres traziam as mesas fartas; cuscus, acarajés, quindins, xinxins, carnes... Mas este povo raciocinou, entendeu que não bastava somente a alimentação. Era necessário mais, precisava administrar, conhecer e para isto tinha que aprender a ler e a escrever. Reuniram-se os líderes. Foram às escolas, o aluno comprava o lápis e como papel servia até a própria mão. Chegando em casa, o aluno ensinava a mãe e ensinava o próprio irmão. Um dia, voltando a escola o aluno encontrou as portas fechadas, ficou sabendo que em outras escolas, para os seus patrões, as matrículas foram canceladas e aqueles poucos que insistiram, foram desprezados e nem mais nas calçadas podiam andar.

Reuniram-se novamente os líderes, já eram homens fortes e ricos. Foram até sua pátria, a África, trouxeram os mestres, construíram os parques, os grupos e as faculdades; aprenderam a somar, dividir, multiplicar, subtrair e em pouco tempo na cultura, estes homens eram os senhores.

Sabendo que eram homens fortes e inteligentes, decidiram provar para o mundo inteiro que eram gentes. . . E em pouco tempo os melhores troféus já cobiçados pela humanidade, a estes homens pertenciam. E eles, mesmo defendendo o nome de uma nação, que nunca aceitou-os como filhos, davam tudo que tinham nas competições. . . Cem metros. . . Campeão.

quatrocentos metros, campeão
cinco mil metros, campeão
arremesso de peso, campeão
lançamento de dardo, campeão
lançamento de disco, campeão.

Salto de altura, Salto de extensão, Salto triplo Campeão!!

Boinas sobre a cabeça, luvas pretas, punhos cerrados, gritaram para o mundo inteiro ouvir. . . QUEREMOS SER IGUAIS: TRATADOS COMO IRMÃOS: SOMOS HUMANOS E TEMOS CONDIÇÕES. . .

Pouco antes tinham sido chamados de The Violents, The Black Power. . . The Panthers . . por terem matado, queimado e saqueado, na defesa dos seus direitos. . . e foi facilmente esquecido quando o grande líder entre eles tinha pronunciado:

Meus patrícios

Nós não somos o que queremos ser.

Nós não somos o que devíamos ser.

Nós não somos o que seremos.

Mas graças a Deus, nós não somos o que éramos.

Mataram o nosso líder o PRÊMIO NOBEL DA PAZ.

Agravou ainda mais, a revolta dos negros naquele país, mais incêndios, torturas, prisões, mortes. . . este povo raciocinou, entendeu que estava em desigualdade, mesmo tendo qualidades. . . Entendeu que em cada lugar, em cada nação, um dos seus era campeão. Ou na música, ou no atletismo, ou na dança. . .

Eis que o símbolo de uma raça, representado por um ramo de fé, é reconhecido pela humanidade; como o homem da camisa dez, é um dos homens mais bem pagos do mundo, adorado, querido pelas crianças e adultos, ele é o REI, É O CRAQUE CAFÉ (o cidadão do mundo).

Roupas coloridas, sorrisos, largos, vozes exaltadas, gargalhadas foram contra este povo as novas críticas, sem se importar e sempre sorrindo, este povo aceitou aos apelidinhos só por ter os cabelos pixainhos.

"Ele tem a boca grande. . . Veja como eles dão risadas. . . Eles são feios. . . Minha filha não tem nada que sair com eles. . . Meu filho, se eu souber que você saiu com algum deles, você fica de castigo". . . Só por ter cabelos pixainhos, este povo aceitou os apelidos. Um líder exclamou: — "EU SOU BONITO, SOU O HOMEM MAIS BONITO DO MUNDO".

O líder zangado exclamou. . . "I'M BEAUTIFUL". . . "I DON KNOW WHO IS CASSIUS CLAY". . . "I'M MOHAMED ALI"... "Eu serei o presidente dos Estados Unidos".

Não vou lutar no Vietnan. . . Eu sou o campeão de todos os tempos.

Quem quiser saber da minha história no box não vá a Las Vegas, venha a mim. Eu sou o box. Sou o homem mais lindo do mundo, o negro é lindo. . . Black woman is beautiful... black. . .

MORREU O REI DO JAZZ. . . Todas as nações a ele prestaram homenagens. Este homem encontrou na música, na poesia, razões para esquecer um passado vergonhoso. Ele poderia ter pensado em ódio, em vingança, pois os seus mais queridos, foram trazidos nos navios negreiros. No entanto o Rei do Jazz, amou e perdoou. O mundo inteiro conheceu o sorriso do Rei do Jazz.

— "Quem somos nós para nos odiar? Quem somos nós?"

Nossa como chove. Miuly, como gostaria de estar com você. . . Miuly, você não é mais aquela garotinha de tenis branco e saia xadrês, que quando a gente subia no ônibus, eu tremia, sabendo que seus cabelos iriam passar em minha face, quando estivesse na curva.

Miuly, você mudou, você cresceu, hoje é linda, muito linda.

Miuly, quando a gente saía da escola, nós íamos juntos até a lanchonete. Miuly, como é bom recordar. Miuly, recordar, recordar. . .

O problema é que as vezes as recordações, nos trazem tristezas que nos deixam complexados. Eu por exemplo; afastado de você sozinho relembrando os meus antepassados. . . Para eles seria impossível estas lembranças, uma garota linda, olhos verdes, sim, seria impossível; você lembraria de outras coisas; lembraria de uma terra longínqua, sol, cantos, candomblés, lembraria de um navio, gritos, maldições, preces, mar. Sim você se lembraria dos navios negreiros.

Os navios negreiros, eram as embarcações marítimas, nas quais eram trazidos os homens, as mulheres e crianças, para serem transformados na mão de obra, deste e de outros países. Eram colocados todos nos porões. Passavam semanas, meses e as vezes até anos naqueles porões. A imundice era total. Até que um dia, o homem compreendeu que o homem é homem

e que nada importa nesse mundo, tanto quanto o sentimento humano, e que seria necessário respeitar uns aos outros.

Foram aprovadas novas leis, sobre os mares; mais investigações, mas. . . os mercenários além de cruéis eram homens espertos. O que fizeram?!

Construíram um alçapão em cada porão. Quando a polícia marítima se aproximava, era preso em cada homem, em cada criança um peso. As mulheres lamentavam, gritavam, mas em seus corpos as correntes também passavam.

Quando a polícia chegava mais perto, aqueles negros iniciavam as preces, ofereciam os corpos aos deuses. Zumbi, Ogum, Oxalá, Oxóssi, Iemanjá. Quando a polícia subia no navio era aberto alçapão. Homens, mulheres e crianças, todos no mar.

A polícia revistava tudo e nada encontrava. Um pouco depois, o mar ficava turvo e a polícia ficava assombrada, incapaz de compreender que aquela mancha vermelha, escura, sobre o mar, era o sangue dos homens, mulheres e crianças que os peixes acabavam de devorar.

Foi nestes dias, cruéis e desumanos, que nasceu ANTONIO FREDERICO DE CASTRO ALVES, o maior poeta desta nação. . . Sim porque escreveu com doçura e amargura *Tragédia no Mar*, mais conhecido como *O NAVIO NEGREIRO*.

Castro Alves. . . você foi, você é e sempre será, o grande poeta. Castro Alves, em seus versos, eu encontro a razão e o porquê da tempestade e do sol, encontro alívio para minha dor, e motivos para interpretar *O NAVIO NEGREIRO*.



(3.^a CENA)

O NAVIO NEGREIRO

CASTRO ALVES

'Stamos em pleno mar. . . Doudo no espaço
Brinca o luar - dourada borboleta -
E as vagas após ele correm cansam
Como turba de infantes inquietas

'Stamos em pleno mar. . . Do firmamento
Os astros saltam como espuma de ouro
O mar em troca acende as ardentias
Constelações do líquido tesouro.

'Stamos em pleno mar. . . Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano
Azuis, dourados, plácidos, sublimes
Qual dos dois é o céu? qual o oceano?

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga às andorinhas. . .

Donde vem?. . . Onde vai?. . . Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço.
Neste Saára os corcéis o pó levantam
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nesta hora
Sentir deste painel a magestade
Embaixo o mar. . . em cima o firmamento. . .
E no mar e no céu a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! Como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!





Espera! Espera! deixai que eu beba
 Esta selvagem, livre poesia. . .
 Orquestra - é o mar, que ruga pela proa
 E o vento que nas cordas assobia. . .

.....
 Por que foges assim barco ligeiro?
 Por que foges do pálido poeta?
 Oh! Quem me dera acompanhar-te a esteira
 Que semelha no mar - doudo cometa!
 Albatroz! Albatroz! ó águia do oceano
 Tu que dormes das nuvens entre as gazas
 Sacode as penas Leviatã do espaço,
 Albatroz, Albatroz, dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
 Onde é filho, qual seu lar?
 Ama a cadência o verso
 Que lhe ensina o velho mar!
 Cantai! que a morte é divina
 Resvala o brigue à bolina
 Como um golfinho veloz
 Presa ao mastro da mezena
 Saudosa bandeira acena
 Às vagas que deixa após

Do espanhol as cantilenas
 Requebradas de langor,
 Lembram as moças morenas,
 As andaluzas em flor!
 Da Itália o filho indolente
 Canta Veneza dormente
 Terra de amor e traição,
 Ou do golfo no regaço
 Relembra os versos do Tasso
 Junto às lavas do Vulcão!

O inglês - marinheiro frio,
 Que ao nascer no mar se achou
 (Porque a Inglaterra é um navio
 Que Deus na Mancha ancorou)
 Rijo entoa pátrias glórias
 Lembrando, orgulhoso, histórias
 De Nelson e de Aboukir
 O francês-predestinado
 Canta os louros do passado
 E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
 Que a vaga iônia criou
 Belos piratas morenos
 Do mar que Ulisses cortou,
 Homens que Fídias talhara,
 Vão cantando em noite clara
 Versos que Homero gemeu. . .
 Nauta de todas as plagas
 Vós sabeis achar nas vagas
 As melodias do céu!

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
 Desce mais. . . inda mais. . . não pode olhar humano
 Como o teu mergulhar no brigue voador! . . .
 Mas que vejo eu ali. . . que quadro de amarguras!
 É canto funeral. . . Que tétricas figuras!
 Que cena infame e vil! . . . Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco o tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho,
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros. . . estalar de açoite
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar. . .

Negras mulheres, suspendendo as têtas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães!
 Outras moças, mas. . . nuas e espantadas
 No turbilhão de espectros arrastadas
 Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente,
 E da ronda fantástica a serpente,
 Faz doudas espirais. . .
 Se o velho arqueja. . . Se no chão resvala
 Ouvem-se gritos. . . o chicote estala
 E voam mais e mais. . .

Preso nos elos de uma só cadeia
 A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança, ali!
 Um de raiva delira, outro enlouquece
 Outro, que de martírios embrutece
 Cantando, geme e ri. . .



No entanto o capitão manda a manobra,
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros,
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros,
Fazei-os mais dançar".

E ri-se a orquestra irônica, estridente
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais! . . .
Qual um sonho dantesco as sombras voam! . . .
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás! . . .

V

Senhor Deus, dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura. . . se é verdade
Tanto horror perante os céus?! . . .
Ó mar! porque não apagas
Co' a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão? . . .
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! . . .

Quem são estes desgraçados,
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a furia do algoz?
Quem são? Se a estrela, se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa. . .
Dize-o ó tu, severa musa
Musa libérrima, audaz! . . .

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz,
Onde voa em campo aberto
A tribo dos homens nus. . .
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem a solidão.
Ontem simples, fortes e bravos
Hoje míseros escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão. . .



Ontem plena liberdade
 A vontade do poder. . .
 Hoje cúmulo de maldade,
 Nem são livres p'ra morrer.
 Prende-os a mesma corrente
 Férrea, lúgubre serpente
 Nas rôscas da escravidão
 E assim roubados à morte
 Dança a lugubre coorte
 Ao som do açoite. . . Irrisão! . . .



Senhor Deus dos desgraçados
 Dizei-me vós, Senhor Deus
 Se eu delírio. . . ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus
 O mar, porque não apagas
 Co'a a esponja de tuas vagas
 De teu manto este borrão?
 Astros! Noites! Tempestades
 Rolai das imensidades!
 Varrei-os mares, tufão!

Existe um povo, que a bandeira empresta
 P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia! . . .
 E deixa-a transformar-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria! . . .
 Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia? . . .
 Silêncio! Musa! Chora e chora tanto
 Que o pavilhão se lave no teu pranto

Auriverde pendão de minha terra
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do sol encerra,
 E as promessas divinas da esperança. . .
 Tu, que da Liberdade após a guerra,
 Fôste hasteado dos heróis na lança,
 Antes te houvessem rôto na batalha
 Que servires a um povo de mortalha!

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
 Extingue nesta hora o bringue imundo
 O trilho que Colombo abriu na vaga,
 Como um íris no pélago profundo
 Mas é infâmia demais. . . Da etérea plaga
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo
 Andrada! Arranca este pendão dos ares!
 Colombo, fecha a porta dos teus mares!

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também
Que sedentas, alquebradas,
De longe bem longe vem. . .
Trazendo com tíbios passos
Filhos e algemas nos braços,
N'almas - Lágrimas e fel. . .
Como Agar sofrendo tanto
Que nem o leite do pranto
Tem que dar para Ismael

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram - crianças lindas
Viveram - moças gentis. . .
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite os véus. . .
. . . Adeus! O choça do monte,
. . . Adeus! palmeiras da fonte! . . .
. . . Adeus! amores. . . adeus! . . .

Depois, o areal extenso. . .
Depois, o oceano de pó. . .
Depois no horizonte imenso
Desertos. . . desertos só. . .
E a fome, o cansaço e a sede
Ai! Quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais se erguer!
Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chagal sobre a areia
Acha um corpo que roer

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão
O sono dormido à toa
Sob a tenda d'amplidão
Hoje. . . o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar. . .
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado
E o baque de um corpo ao mar



(Termina o delírio do personagem)

Meu Deus, que delírio, meus antepassados, minhas origens. . .

Agora que tudo passou, vou falar da juventude e não dos navios negreiros.

Vou falar de Miuly, vou falar das coisas boas, vou falar da juventude, sim dos barbudos, grisalhos e cabeludos, todos sem escolher, até mesmo da criança que acaba de nascer, porque. . .

Juventude não é um período da vida. É um estado de espírito, é um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação, uma vitória da coragem sobre a timidez e vitória do gosto da aventura, sobre o amor ao conforto.

Não é por termos vivido, um certo número de anos que envelhecemos. Envelhecemos porque abandonamos os nossos ideais. Os anos enrugam a face, abandonar o ideal é que enruga a alma. Jovem é aquele que se estima, que se admira e maravilha. Jovem é aquele que ama a esposa, aquele que aplaude. Jovem é aquele que apaga com um sorriso a tristeza de seus olhos.

JOVEM é aquele que estende a mão ao próximo, aquele que cede lugar, quando compreende que o outro é melhor. Jovem é aquele que expressa aquilo que sente. Jovem é aquele que na noite de estrelas, procurando contá-las pede perdão aos erros.

És tão jovem quanto a tua fé, tão velho quanto a tua descrença. Tão jovem quanto a confiança em si e em tua esperança, tão velho quanto o teu desânimo.

Serás jovem enquanto permaneceres receptivo ao bem, ao belo, e ao grande. Receptivo às mensagens da natureza, receptivo às mensagens do homem, às mensagens do infinito, às mensagens do amor. Receptivo as mensagens de Deus.

JOVEM é aquele rapaz, que quando no carro ouvindo a música, contempla o azul do céu, o verde da mata, o escuro do asfalto, o lavrador no campo, o filho do lavrador com a enxada na mão, então ele compreende quando que é belo Deus e a natureza o homem e a construção. . . (Música e o personagem lembra a amada, dirige-se ao telefone e entende que é necessário conversar com a amada então disca).

Sim sou eu. . . estou bem. . . mamãe está boa. . . tudo bem. . . Também sinto saudades. . . telefonei para lhe dizer que quero falar com você. . . sim. . . o que. . . quero falar é que durante alguns minutos, ou horas eu fiquei ausente. . . tive um pesadelo. . . sei lá. . . e que existe uma melodia e as vezes ela é sublime e as vezes é como um martelo que bate. . . eu sofri e continuo sofrendo, só por não ter sido jovem suficiente, para expressar o quanto eu gosto de você. . . Não é apenas amizade. . . é muito mais. . . hoje durante estes minutos ou horas sei lá. . . compreendi que não existe mais razão para eu ser um sujeito complexado. . .

Não há razão para ficar isolado de tudo e de todos. O importante é o homem acreditar em si e lutar pelo ideal, não se apegar ao passado e aos defeitos porque todos nós temos qualidades.

Miuly o que quero dizer é que eu a amo . . . eu a amo desde o primeiro instante que a vi. . . eu a amo . . . Sim. . . pode falar. . . lembro. . . você disse, uma casinha. . . dois cômodos. . . com água e sem luz. . . não tinha importância. . . Sim o que?. . . Aquela casinha? aquilo que você falou, foi pra mim?. . . Quer dizer que você também me ama. . . Miuly, você me ama?. . . (Para o público) Miuly me ama. . . eu pensando em navios negreiros. . . Miuly me ama. . . Miuly me ama. . .

MÚSICA ALTA E LUZES PISCANDO. . .

F I M

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

2470/83

"O NAVIO NEGREIRO"

LIVRE

EXPECI-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARÁGR. DOS CENSO RES	
Em	20 / 01 / 83
	<i>Maria Velizara</i>
	7
	Chefe de G. L. U. P.

Identificação:

Autor: Castro Alves - adaptação de Benedito Irivaldo de Souza

Produtor: Vado Promoções Artísticas Ltda.

Grupo Profissional

1)-Enredo: Um jovem negro apaixonado por uma branca sentindo-se inferiorizado por causa de sua cor não consegue declarar o seu amor. Imerso num pesadelo, o jovem relembra a sua origem e o sofrimento de seus antepassados através do poema "O navio negreiro" de Castro Alves.

2)-Mensagem: Amor entre os povos sem distinção de cor ou de raça.

3)-Linguagem: de conformidade com o contexto da obra.

4)-Ensaio Geral: Sem cenário e sem novidades na iluminação.

Sonoplastia: fitas gravadas.

Figurino: roupas comuns. Em algumas cenas o ator veste-se apenas com um short vermelho.

5)-Parecer: Trata-se de um espetáculo dirigido a um público / principalmente jovem, pedagógico, com homenagens ao poeta "Castro Alves" e com bastante movimentação através das expressões corporais e números de dança.

Assim, pelo exposto opino pela sua liberação sem / restrições etárias.

São Paulo, 19 de janeiro de 1983,

monique



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, p. 124

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA "NAVIO NEGRO"

ORIGINAL DE CASTRO ALVES

VÁLIDO ATÉ 20 de março de 19 83

CLASSIFICAÇÃO

SPaulo, 20 de janeiro de 19 83

Vera Utiyama

VERA LÚCIA UTIYAMA

CHEFE DO SCIP/SR/SP - em exercício

LIVRE

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada NAVIO NEGREIRO

Original de GASTRO ALVES

Tradução de ~~XXXXXXXXXX~~

Adaptação de BENEDITO IRIVALDO DE SOUZA

Produção de ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

Requerida por VADO PROMOÇÕES ARTÍSTICAS LTDA

Tendo sido censurada em 20 de janeiro de 19 83 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO

ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

SPaulo 20 de janeiro de 19 83

Amica
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
Chefe do Serviço de Censura
CHEFE DA SCC/SCDP/SR/SP

TÍTULO O NAVIO NEGREIRO

AUTOR: CASTRO ALVES

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça SCDP/SR/SP

Obs.: _____

DF. 03 / 02 / 83

Consolação

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, sem cortes, condicionada ao arame do ensa-

Obs.: cert. provisório - SR/SP

04 de 02 de 19 83

Brasília - DF

Bella de Mendonça Barroalho
Mat. 2416 791

de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de _____ para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE

Brasília-DF, 08 de 02 de 19 83

Em _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 08, 02, 19 83

[Assinatura]

Solange M. T. Hernandez
Diretora da DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, P. 127

Brasília, DF.

Em 11 de fevereiro de 1983

OF. N.º 297/83-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/SÃO PAULO

Assunto :

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício (s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificado (s) de Censura da (s) peça (s) teatral (is): "QUEM NÃO ARRISCA, NÃO APETISCA" de Silvio Varjão de Oliveira; "VIVA O MAGRO" de Alfredo Ribeiro; "O NAVIO NEGREIRO" de Castro Alves; "COMO MATAR UM PLAY-BOY" de João Bethencourt; "PEGUE MAS NÃO PAGUE ou NÃO SE PACA, NAO" de Dario Fo; "AUTO DO GUERREIRO" de Claudio Ferreira; "AVENTURA NA ILHA AZUL" de Ricardo Gouvea e "A NOITE DAS MAL DORMIDAS" de autoria de Niels Petersen Schmidt.

Atenciosamente,

Solange M. T. Fernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0530, P. 128
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 491

PEÇA " O NAVIO NEGREIRO "

ORIGINAL DE CASTRO ALVES

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 08 de FEVEREIRO de 19 88

Brasília, 08 de FEVEREIRO de 19 83

LIVRE

Solange M. F. Hernandez

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O NAVIO NEGREIRO

Original de CASTRO ALVES

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de _____

Requerida por VADO PROMOÇÕES ARTISTICAS LTDA. S/PAULO/SP

Tendo sido censurada em 20 de JANEIRO de 19 83 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 08 de FEVEREIRO de 19 83


NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

02

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO MARANHÃO
 SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício nº 996/83-SCDF/SR/DPF/MA S. Luís, 04 de novembro de 1983.
 Do: Chefe da SCDF/SR/DPF/MA
 À: Ilmª Srª Diretora da DCDF/DPF
 Assunto: Encaminhamento (faz)

Senhora Diretora,

Encaminhamos a V. Sª, com o presente, as peças teatrais "Navio Negreiro", de Castro Alves e adaptação de Manoel de Jesus Pereira; "Camaleão e as Batatas Mágicas", de Maria Clara Machado e "Uma Visita de Cerimônia" de Miguel Santos, conforme processo nº 003602-SR/MA de 31.10.83.

Ao ensejo, renovamos a V. Sª protestos de elevada consideração e apreço.


 TC JAIR DE ALMEIDA
 Chefe da SCDF/SR/DPF/MA

Ilmª Srª
 Dra SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
 ND Diretora da DCDF/DPF
 Brasília - DF

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - SR / DPF / MARANHÃO COD - 08310
Proc. Nº 003602
De 30/10/83 Às 10:10 hs
Recebido Por <i>Oledite</i>

Wilson Raimundo Tavares Silva

Requerente

Brasileira, Estudante
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 394.856 SSP-MA
N.º e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Quadra EIT- nº 11 (Anjo da Guarda)

_____ , vem ,
muito respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as nor-

mas censórias vigentes, a (s) A Peça Teatral abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Maria Clara Machado

Camaleão e as batatas mágicas
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

São Luís 28 de Outubro de 1983.

Local e Data

Wilson Raimundo Tavares Silva
Requerente

Anexos:

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Nova Semente CGC : _____Sede: Colégio Universitário

CEP: _____

Diretor ou Responsável: _____

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

3 - PARCERIA :

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 28 Outubro 1983Ass.: Wilson Romarinho Torresy R. e

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - SR / DPF ; MARANHÃO
COD - 08310

Proc. Nº 003600

De 30/10/83 Às 10:10 hs

Recebido Por *Eledite*

Wilson Raimundo Tavares Silva

Requerente

Brasileira

Nacionalidade

Estudante

Profissão

Carteira de Identidade 394.856

SSP-MA

N.º e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Quadra EIT- nº 11 (Anjo da Guarda)

Respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as nor-

mas censórias vigente, a (s) A Peça Teatral abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Maria Clara Machado

Camaleão e as batatas mágicas

Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

São Luís 28 de Outubro de 1983.

Local e Data

Wilson Raimundo Tavares Silva

Requerente

Anexos:

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Nova Semente CGC : _____Sede: Colégio Universitário

CEP: _____

Diretor ou Responsável: _____

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: _____

Pseudônimo : _____ Filiação : _____

Nacionalidade : _____ Naturalidade : _____

Data do Nasc.: _____ Identificação : _____

Estado Civil : _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP : _____

3 - PARCERIA :

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade : _____ Naturalidade : _____

Data do Nasc.: _____ Identificação : _____

Estado Civil : _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo : _____ Filiação : _____

Nacionalidade : _____ Naturalidade : _____

Data do Nasc.: _____ Identificação : _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP : _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 28 Outubro 1983Ass.: Wilson Romão de Tavares Neto

"NAUÍO NEGRICÍDO"

DE: CASTRO ALVES

ADAPTAÇÃO:

MANOEL DE SESOS FERREIRA

NAVIO NEGREIRO

De: CASTRO ALVES

Adaptação: MANOEL DE JESUS PEREIRA

NEGRO UM-(Recita em tom declamativo a primeira parte do poema)

- CANTORIA E DANÇA DOS NEGROS
- CENA DE AMOR ENTRE UM CASAL DE NEGROS

NEGRO DOIS-(Recita a segunda parte do poema ora calmo, ora revoltado de acordo com a expressão das estrofes.)

- VISITA DE UM SENHOR DOS ESCRAVOS NO PORÃO
- PARTO DE UMA NEGRA ACOCORADA, OBSERVADO POR TODOS MAS SEM A AJUDA DE NINGUEM.

NEGRO UM-(Recita a 3ª parte do poema, quase chorando em tom de ódio, revolta, nojo e ância)

- MORTE DE UM NEGRO NOS BRACOS DE SUA AMANTE
- ENTERRO DO NEGRO NAS AGUAS DO MAR
- CANTORIA DOS NEGROS EM RITMOS FUNEBRES;

NEGRO DOIS-(Recita a 4ª parte do poema, ora chora, ora sorrir ora delira de acordo com a expressão de cada estrofe)

- CANTO E DANÇA DOS NEGROS EM RITMO DE TAMPORES DE CRIOLA

NEGRO UM-(Recita a 5ª parte do poema em um jogo de revolta vingança, nojo e ódio)

- CANTORIA DOS NEGROS E DANÇA DOS MESMOS EM RITMO DE CAPOEIRA
- CASTIGO DO SENHOR DOS ESCRAVOS COM REIHO DE COURO CRÚ

NEGRO DOIS-(Chorando recita 6ª e ultima parte do poema revolta e calma de acordo com a expressão de cada estrofe)

- CANTOS E DANÇAS DOS NEGROS EM RITMO DE MACUMBA.

NAVIO NEGREIRO

(C A S T R O A L V E S)

"A propósito deste poema, alega-se que, extinto o tráfico negreiro, já não havia as cenas nele descritas, mas a verdade é que subsistiram suas conseqüências, justificando a indignação que Castro Alves transmitiu a seus versos."

1ª

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — doirada borboleta —
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar. Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troça acende as ardentias
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam n'um abraço insano
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem?... Onde vai?... Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Saara os corcéis o pó levantam.
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!...
Embaixo — o mar... em cima — o firmamento
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! Como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! Esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...?
Orquestra — é o mar que ruge pela proa,
E o vento que nas cordas assobia...

.....
Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a estreira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
 Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,
 Sacode as penas, Leviatã do espaço!
 Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas...

2ª

Que importa do nauta o berço,
 Onde é filho, qual seu lar?...
 Ama a cadência do verso
 Que lhe ensina o velho mar!
 Cantai! que a noite é divina!
 Resvala o brigue à bolina
 Como um golfinho veloz.
 Presa ao mastro da mezena
 Saudosa bandeira acena
 As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
 Requebradas de languor,
 Lembram as moças morenas,
 As andaluzas em flor.
 Da Itália o filho indolente
 Canta Veneza dormente
 — Terra de amor e traição —
 Ou do golfo no regaço
 Relembra os versos do Tasso
 Junto às lavas do Vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,
 Que ao nascer no mar se achou —
 (Porque a Inglaterra é um navio,
 Que Deus na Mancha ancorou),
 Rijo entoa pátrias glórias,
 Lembrando orgulhoso histórias
 De Néelson e de Abouhir.
 O Francês — predestinado —
 Canta os louros ~~da~~ do passado
 E os loureiros do porvir!...

Os marinheiros Helenos,
 Que a vaga iônia criou,
 Belos piratas morenos
 Do mar que Ulisses cortou,
 Homens que Fídias talhara,
 Vão cantando em noite clara
 Versos que Homero gemeu...
 ... Nautas de todas as plagas!
 Vós sabeis achar nas vagas
 As melodias do céu...

3ª

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
 Desce mais, inda mais... não pode olhar humano
 Como o teu mergulhar no brigue voador!
 Mas que vejo eu ali... que quadro de amarguras!
 Que canto funeral!... Que téticas figuras!...
 Que cena infame e vil!... Meu Deus! meu Deus!
 (Que horror!

Era um sonho dantesco... O tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho,
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros... estalar do açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras, moças... mas nuas, espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais...
 Se o velho arqueja... se no chão resvala,
 Ouven-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,
 A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança ali!

.....
 Um de raiva delira, outro enlouquece...
 Outro, que de martírios embrutece,
 Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra
 E após, fitando o céu que se desdobra
 Tão puro sobre o mar,
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
 "Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
 E da roda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais...
 Qual n'um sonho dantesco as sombras voam!...
 Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...

5a

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus!
 Se é loucura... se é verdade
 Tanto horror perante os céus...
 O mar! por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 De teu manto este borão?...
 Astros! noite! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados,
 Que não encontram em vós,
 Mais que o rir calmo da turba
 Que excita a fúria do algoz?
 Quem são?... Se a estrela se cala,
 Se a vaga à pressa resvala
 Como um cúmplice fugaz,
 Perante a noite confusa...
 Dize-o tu, severa musa!
 Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto
 Onde a terra esposa a luz.
 Onde voa em campo aberto
 A tribo dos homens nus...
 São os guerreiros ousados,
 Que com os tigres mosqueados
 Combatem na solidão...
 Homens simples, fortes, bravos...
 Hoje míseros escravos
 Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas
 Como Agar o foi também,
 Que sedentas, alquebradas,
 De longe... bem longe vêm...
 Trazendo com tíbios passos,
 Filhos e algemas nos braços,
 N'alma — lágrimas e fel.
 Como Agar sofrendo tanto
 Que nem o leite do pranto
 Têm que dar para Ismael...

Lá nas areias infindas,
 Das palmeiras no país,
 Nasceram — crianças lindas,
 Viveram — moças gentis...
 Passa um dia a caravana
 Quando a virgem na cabana
 Cisma da noite nos véus...
 ... Adeus! ó choça do monte...
 ... Adeus! palmeiras da fonte!...
 ... Adeus! amores... adeus!...

Depois o areal extenso...
 Depois o oceano de pó...
 Depois no horizonte imenso
 E a fome, o cansaço, a sede...
 Ai! quanto infeliz que cede,
 E cai p'ra não mais s'erguer!...
 Vaga um lugar na cadeia,
 Mas o chacal sobre a areia
 Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra-Leoa,
 A guerra, a caça ao leão,
 O sono dormido à toa
 Sob as tendas d'amplidão...
 Hoje... o porão negro, fundo,
 Infecto, apertado, imundo,
 Tendo a peste por jaguar...
 E o sono sempre cortado
 Pelo arranco de um finado,
 E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
 A vontade por poder...
 Hoje... cum'lo de maldade
 Nem são livres p'ra... morrer...
 Prende-os a mesma corrente
 — Férrea, lúgubre serpente —
 Nas roscas da escravidão.
 E assim roubados à morte,
 Dança a lúgubre coorte
 Ao som do açoite... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus!
 Se eu deliro... ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus...
 O mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 Do teu manto este borrão?...
 Astros! noite! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!...

6^a

E existe um povo que a bandeira empresta
 P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
 E deixa-a transforma-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria!...
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia?...
 Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
 Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarde que a luz do sol encerra
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu, que da liberdade após a guerra
 Foste hasteado dos heróis na lança,
 Antes te houvessem roto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!...
 Extingue nesta hora o brigue imundo
 O trilho que Colombo abriu na vaga,
 Como um íris no pélago profundo!...
 ... Mas é infâmia de mais... Da etérea plaga
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
 Andrada! arranca este pendão dos ares!
 Colombo! fecha a porta de teus mares!

S. Paulo, 18 de Abril de 1868.

É São Benedito.

De-Manoel de Jesus Pereira.

Valei-me são Benedito
 Valei-me meu são Marçal
 Valei-me santo Antonio
 Livra a gente do mal.

A ê pau, a ê São Benedito. (Bis)

Gente que tá la fora
 De nós tenha compaixão
 Chega de tanto horror
 Dentro deste porão.

-(Bis)

Valei-me Jesus dos pretos
 Pobres acorrentados
 Sofrimentos da desgraça
 Pretos maldicoados.

-(Bis)

Chega de tanto horror
 Chega de tanto penar
 Chega de passar fome
 Chega de tanto apanhar.

-(Bis)

Mais do que Deus não tem
 Mais do que Deus não há
 Um dia vai ter alguém
 Para nos liberta.

-(Bis)

Chega de tanta merda
 Chega de tanta desgraça
 Vamos fumar charute
 Vamos beber cachaça.

-(Bis)

Ó gente que tão de fora
 Que sabe ler e escrever
 Ó gente peço socorro
 Venha nos socorrer.

-(Bis)

Aqui é muito porco
É tudo muito nojento
Parece até o cú
De quem comprou a gente.

-(Bis)

Se, se fala se apanha
Revolta não dá mais não
Se brigar a gente morre
Nos jogam no buqueirão.

-(Bis)

Valei-me santos dos pretos
A gente não guenta mais
Nós tamos é no inferno
Escravos do satanaz

-(Bis)

Apanha-se todo dia
Apanha-se toda hora
Vala-nos Deus do céu
Vala nossa Senhora.

-(Bis)

Morre-se todo dia
Morre-se toda hora
Pra eles a gente é bosta
Que se caga e bota fora.

-(Bis)

Meu bom senhor dos escravos
De nós tenha compaixão
Nós somos de carne e osso
Não samos de ferro não.

-(Bis)

Meu Deus parece mentira
Mais juro como é verdade
Samos escravos da peste
Escravos dos desgraçados.

-(Bis)

Essas filhas de puta

Esses filhos da puta
 Filhos de caninana
 Esse bando de ladrões
 Bando de homens sacanas.

-(Bis)

Eu queria ser branco
 Branco eu queria ser
 Pra prender quem prende a gente
 Fazer o couro gemer
 Meter taca no teu rabo

Até o sangue descer
 Pra ver se apanhar é bom
 Pra ver se é bom sofrer.

-(Bis)

Senhora, minha senhora
 De nós tenha compaixão
 A coisa aqui tá preta
 No fundo deste porão
 Parece o cú da mãe
 Do pai da escravidão.

-(Bis)

Socorro papai socorro
 Venha me socorrer
 A coisa aqui não é boa
 Faz a gente gemer
 Ora se pede vida
 Ora se quer morrer.

-(Bis)

Quando eu vim da minha terra
 Passei lá no quiriri
 Encontrei dona Tereza
 Com o dedo no xiri
 Ela é a mulher de quem me botou aqui.

-(Bis)

Quando eu vim da minha terra
 Passei foi lá na zabumba
 Encontrei dona Joana
 Com o dedinho na bunda
 Ele era afilhada

da finada Raimunda.

-(Bis)

Quando eu vim da minha terra
 Passei foi em Assunção
 Valei-me São Benedito
 Valei-me santo Varão
 Dê um jeito de tira a gente
 De dentro deste porão.

-(Bis)

Quem me vendeu é peste
 Quem me comprou urubú
 Cansei de ver meu senhor
 Com o dedinho no cú
 De noite chamava o preto
 Levava pra trabalhar
 Dava o cú para ele
 Depois mandava matar
 Com medo de ser descoberto
 E seu valor acabar.

-(Bis)

Maria minha maria
 De mim tenha compaixão
 Me dá um cheirinho nêga
 Que te dou meu coração
 Faz tres dias que não trepo
 Dentro deste porão.

-(Bis)

Nêgo tu me respeita
 Procura criar vergonha
 No meu peito tu não trepa
 Não come a minha pamonha
 Não mama na minha têtas
 Se tu quiser seu cretino
 Tu vai é tocar puheta .

-(Bis)

Nêga tu é tão bonita
 Me desperta muito amor
 A é nêga me bota no teu mijador

-(Bis)

Nêgo tu é saliente
 Respeita o que Deus me deu
 Tu pega o xiri das outras
 Mais não pega o xiri meu

-(Bis)

Gente vamos sorrir
Gente vamos brincar
Isto aqui é muito bom
É melhor do que chorar
Vamos ter fé em Deus
Cantar pra ele e rezar
Um dia vai ter alguém
Para nos libertar

-(Bis)

Liberdade vai se ter
Custe o que custar
Existe um Deus no céu
Para nos ajudar
Temos nossa senhora
Preto velho e mandacará
Nós somos filhos de Deus
Não somos do diabo não
Um dia essa peste acaba
Vai se ter libertação.

-FIM-

NÊGO SARARÁ

De: Manoel de Jesus Pereira.

A é nêgo sarará
 A é nêgo sarará
 Nêgo bem nêgo, nêgo sarará -BIS-
 Nêgo bem nêgo, nêgo sarará.

Nêgo bem nêgo
 Nêgo bem preto
 Nêgo que nasce
 Nêgo que serve
 Nêgo que vive.

-bis-

Nêgo que ama
 Nêgo que gama
 Nêgo de fama
 Nêgo da lama
 Nêgo sem cama.

-bis-

Nêgo bendito
 Nêgo maldito
 Nêgo esquisito
 Nêgo faminto.

-bis-

Nêgo escravo
 Nêgo bem bravo
 Nêgo que canta
 Nêgo que dança
 Nêgo que chora
 Nêgo que sofre.

-bis-

Nêgo que apanha
 Nêgo que perde
 Nêgo que morre
 Nêgo que ganha
 Nêgo que luta
 Nêgo que foge

-bis-

Nêgo que grita
 Nêgo que berra
 Ninguém escuta
 Ninguém labuta
 Ninguém reclama
 Ninguém te chama
 Ninguém te ama

-bis-

Bandeira nossa
 Não existe mais
 Ela foi trocada
 Ela foi vendida
 Foi emprestada
 Foi embrulhada

-bis-

Ela é vermelha
 Ela é malvada
 Ela é manchada

De cores vãs
 Ela é amada
 Mais tá parada
 Ela é guardada

Tem côr de sangue

Tem côr de sangue.

-bis-

-fim-

De: Manoel de Jesus Pereira.

Quem foi Maria
Quem foi José
Quem foi Rosinha
Quem foi João
Quem foi Antonio
Quem foi Felipa.
No tempo da escravidão
No tempo da escravidão.

-bis-

Quem foi Romero
Quem foi fulôr
Quem foi Joana
Quem foi amor
Quem foi tristeza
Quem foi a dor

-bis-

Quem foi Isaura
Quem foi Sansão
Quem foi Concita
Quem foi Bastião
Quem foi babar
Quem foi Conceição.

-bis-

Quem foi escravo
Quem foi senhor
Quem que bateu
Quem que apanhou
Quem que sorriu
Quem que chorou
Quem que perdeu
Quem que ganhou
Quem que morreu
Quem mais amou.

-bis-

---fim---

De :Manoel de Jesus Pereira.

Chora nêga, chora nêga. -bis-
O que tu pode fazer é chorar.

Se tu for falar
Tu vai apanhar
Tu vai passar fome
Apanhar do home
De chicote quente
De couro de boi.

-bis-

Tu fica calada
Tu não fala nada
Chora bem baixinho
Sem devagarinho
Pra ninguém ouvir.

-bis-

Não pede socorro
Não grita eu morro
Não fala eu corro
Pelo amor de Deus
Tu olha para traz
Tu olha de lado
Olha os filhos teus.

-bis-

Tu não fica triste
Por favor resiste
Ver se não insiste

Em vingança não
Não guarda rancor
Peço por favor

-bis-

Porem somos nêgo
Não temos sossêgo
Mais temos amor.

-bis-

-fim-



PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: NAVIO NEGREIRO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos - cond. ao ensaio geral

Of. 1994/83 - SCDP/SR/DPF/MA

J.I - Expressões indecentes

CRÉDITOS : Autor - Castro Alves, numa adaptação
de Manoel de Jesus Pereira

EXTRATO

Procedido o confronto e apurado que no enfocado
houve acréscimos à obra imortal do "poeta dos escravos".

AVALIAÇÃO

É inquestionável que a poesia de Castro Alves é
ressonante até os dias de hoje, mesmo quando extinto o moti
vo social que a determinou.

Há uma ambigüidade de mensagens pois, além da car
ga emocional transmitida pelo exaltado poeta, acontecem as
vãs lamentações vazadas em literatice.

Aquele que já ensaia o salto para a maturidade é,
presumivelmente, capaz de não se deixar levar pelo logro.

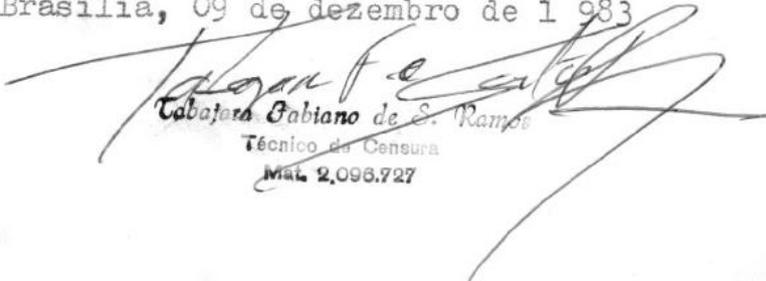
A linguagem oral é lírica na parte do consagrado
poeta abolicionista, mas contém palavras pornográficas nos
protestos emendados.

As perspectivas censórias cabe ver que a questio
nada só tem de comum com a adaptação de Benedito Inivaldo de
Souza - que mereceu a chancela de livre - o título e a par
te do jovem vate baiano. Verificado isto, conferir-lhe a im
propriedade de 16 anos, uma vez que o palavrão é tolerável
pelas Inst. Min. p/ atuação da DCDP, l.l. Por estas Instru
ções e pelas do Of. Circ. nº 69/81-DCDP/SO a peça atraves
sa incolumemente.

CONCLUSÃO

Sugerimos a liberação da peça como imprópria até
16 anos, a ser confirmada pelo exame do ensaio geral, face
aos acréscimos referidos.

Brasília, 09 de dezembro de 1983


Tabajara Gabiano de S. Ramos

Técnico de Censura

Mat. 2.096.727



PARECER Nº 8150 / 83

TÍTULO: O NAVIO NEGREIRO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Dezesseis anos

Identificação: peça teatral, autor: CASTRO ALVES, adaptação: MANOEL DE JESUS PEREIRA. A adaptação de BENEDITO I-RIVALDO DE SOUZA recebeu a chancela de dez anos, reduzida para livre, o certificado está vencido. O único ponto em comum entre as duas adaptações é o poema de Castro Alves. J.I.: Cena ' de amor, parto e linguagem grosseira.

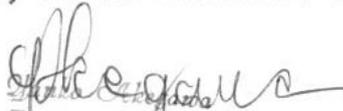
Enredo: Baseado na conhecida obra de Castro Alves, há uma encenação sobre alguns momentos da vida do negro enquanto o poema é declamado. Seguido pelos poemas "É São Benedito", "Nego sarará", "Chora nega" e Tempo da escravidão" de Manoel Jesus Pereira, sobre as desventuras do negro escravo.

Considerações: A encenação de uma "cena de amor" e "parto de cócoras", e a presença de termos e expressões grosseiras no poema "É São Benedito" são compatíveis a público jovem com maior discernimento.

É dirigido a todos que apreciam a exteriorização do inconformismo de uma raça escravizada, a negra.

Conclusão: Isto posto, sugerimos a liberação aos maiores dedezesseis anos.

Brasília, 16 de dezembro de 1983.


Técnica de Censura
Mat. 2405370

TEATRO

TÍTULO " O NAVIO NEGREIRO".

AUTOR: CASTRO ALVES.

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE.Praça SR/MA

Obs.:

DF. 23 / 11 / 83 /

est/1007
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Sr. Chefe do SC

Tendo em vista, que a presente adaptacao, apresenta, digo, possivel acrescimo de cenas ("cena de amor" e "parto de coelhos") e linguagem com termos e expressoes grosseiras. Os Exs. Tec. de censura propoem alteracao da classificacao etaria anterior, indicando liberdade para os maiores de 16 (dezesseis) anos. Com acordo com a sugestao, submetendo-a a sua consideracao.

Brasília - DF 20 de 12 de 1983

Helle *[assinatura]* Carvalho
Matr. 2415791

J-1.

Linguagem chula

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de _____ para o qual os senhores propoem a classificação etária de 16 (dezesseis) ANOS

Brasília-DF 22 de 12 de 19 83

Em _____ de _____ de 1.97__

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em, 22 / 12 / 1983



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº 491	EMIÇÃO 22 DEZEMBRO 1983	VALIDADE 22 DEZEMBRO 1988
TÍTULO "O NAVIO NEGREIRO"		
AUTOR (ES) CASTRO ALVES		
CLASSIFICAÇÃO 16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS		
JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIIDADE LINGUAGEM CHULA		

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
 Diretora da DCDP
 ASSINATURA

TÍTULO: **"O NAVIO NEGREIRO"**

ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **491**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: **WILSON RAIMUNDO TAVARES SILVA *SÃO LUIS/MA***

DECISÃO: **IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.**

W. de Oliveira
NEI DE OLIVEIRA
 Chefe do SC - DCDP
 ASSINATURA

Brasília, 22 DE DEZEMBRO DE 19 83

2432/83-SE/DCDP

27-12.83

Chefe do SErviço de CEnsura da SR/MA

O NAVIO NEGREIRO

CASTRO ALVES

Chefe

São Luis - ma

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES